


**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Eliel Frota Caneparo

**GUERRA DE SECESSÃO: MARCO NA EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR DAS
GUERRAS MODERNAS (1850-1865)**

**Resende
2022**

	APÊNDICE II AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA NA AMAN TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL	AMAN 2022
---	---	----------------------

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: GUERRA DE SECESSÃO: MARCO NA EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR DAS GUERRAS MODERNAS (1850-1865)

AUTOR: ELIEL FROTA CANEPARO

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

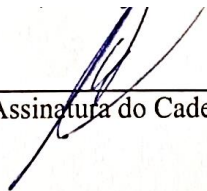
Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras.

Resende, 16 de junho de 2022


Assinatura do Cadete

Eliel Frota Caneparo

**GUERRA DE SECESSÃO: MARCO NA EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR DAS
GUERRAS MODERNAS (1850-1865)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Maj Rodrigo Felix Owerney

Resende
2022

Dados internacionais de catalogação na fonte

C221g CANEPARO, Eliel Frota

Guerra de secessão: marco na evolução da doutrina militar das guerras modernas (1850-1865). / Eliel Frota Caneparo – Resende; 2022. 57 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Rodrigo Felix Owerney
TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2022.

1.Revolução industrial 2.Doutrina 3.Guerra de Secessão
4.Tecnologia I. Título.

CDD: 355

Ficha catalográfica elaborada por Jurandi de Souza CRB-5/001879

Eliel Frota Caneparo

GUERRA DE SECESSÃO: MARCO NA EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR DAS GUERRAS MODERNAS (1850-1865)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 16 de junho de 2022

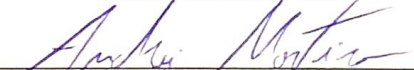
Banca examinadora:



Rodrigo Felix Owerney- Maj
(Presidente/Orientador)



Rafael Roesler- Cel



Andrei Adornes Monteiro- 1º Ten

Dedico este trabalho primeiro a Deus por ter me dado forças para vencer todas as dificuldades impostas e aos meus por todo suporte e orações que me permitiram a realizar o meu sonho de ser oficial do Exército invicto de Caxias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre ter me guiado e ajudado a superar as dificuldades, principalmente nesses 5 anos onde, por muitas vezes, foi o único alento nos diversos desafios impostos pela formação.

Aos meus pais, que desde das minhas primeiras memórias, têm me dado todo o apoio necessário e torcido pelo meu sucesso, serei eternamente grato a Deus por suas vidas, com certeza não conseguiria vencer a formação sem este suporte.

Aos meus irmãos de cavalaria da turma de 2022, só cheguei até aqui pelo apoio de vocês. Agradeço a camaradagem em todos os momentos, sejam eles de confraternização e alegria ou de labuta e sofrimento, aprendi diariamente com cada um. Levarei cada momento e experiência vividos na gloriosa Academia pelo resto da minha vida, ansiando “que nossos estribos se choquem novamente em cavalgadas futuras”.

Por fim agradeço ao meu orientador, Major Rodrigo Felix Owerney, que muito além de ter me ajudado com dedicação e paciência a concluir este trabalho, tem sido um exemplo de pessoa e militar.

RESUMO

GUERRA DE SECESSÃO: MARCO NA EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR DAS GUERRAS MODERNAS (1850-1865)

AUTOR: Eliel Frota Caneparo
ORIENTADOR: Rodrigo Felix Owerney

Com a sua gênese no processo de colonização, a Guerra de Secessão ocorreu nos EUA entre os anos de 1861-1865. Este conflito é marcado pelo elevado número de mortes, pela presença do conceito de guerra total e pelo novos armamentos e meios disponíveis como as ferrovias e telégrafos que não só trouxeram a evolução da ciência da guerra mais também a necessidade da atualização da Arte da Guerra para o combate. Com isso, o presente trabalho tem por finalidade analisar a evolução da doutrina militar desde a Revolução Francesa até a Guerra de Secessão Americana, associando com o surgimento da indústria e as tecnologias por ela oferecidas. Dessa forma, comprovando que a Guerra de Secessão foi o marco da evolução da doutrina moderna, pois deixou de lado as táticas e técnicas empregadas nas guerras napoleônicas e criou uma nova forma de emprego, muita mais parecido com as guerras modernas do século XX, alcançadas através dos avanços tecnológicos.

Palavras-chave: Revolução Industrial. Doutrina. Guerra de Secessão. Tecnologia.

ABSTRACT

SECCION WAR: LANDMARKIN THE EVOLUTION OF THE MILITARY

DOCTRINE OF MODERN WAR (1850-1865)

AUTHOR: Eliel Frota Caneparo

ADVISOR: Rodrigo Felix Owerney

With its genesis in the colonization process, the Civil War took place in the USA between the years 1861-1865. This conflict is marked by the high number of deaths, the presence of the concept of total war and the new armaments and means available such as railroads and telegraphs that not only brought the evolution of the science of war but also the need to update the Art of War to the combat. With this, the present work aims to analyze the evolution of military doctrine from the French Revolution to the American Civil War, associating it with the emergence of the industry and the technologies offered by it. In this way, proving that the Civil War was the milestone of the evolution of modern doctrine, as it left aside the tactics and techniques used in the Napoleonic wars and created a new form of employment, much more similar to the modern wars of the 20th century, achieved through technological advances.

Keywords: Industrial Revolution. Doctrine. Civil War. Technology.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS	111
1.1.1	Objetivo geral	111
1.1.2	Objetivos específicos	111
1.2	REFERENCIAL TEÓRICO	122
1.2.1	História Política	122
1.2.2	História Militar	122
1.3	REVISÃO DA LITERATURA	133
1.4	REFERENCIAL METODOLÓGICO	144
1.4.1	Tipo de Pesquisa	144
1.4.2	Métodos de Pesquisa	155
1.5	PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	155
2	A DOCTRINA MILITAR VIGENTE DA GUERRA DA CRIMÉIA A GUERRA DE SECESSÃO	16
2.1	REVOLUÇÃO FRANCESA	16
2.2	REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	21
2.3	GUERRA DA CRIMÉIA	22
2.3.1	Breve histórico da guerra da Criméia	22
2.3.2	Organização	24
2.3.3	Equipamentos	24
2.3.4	Instrução e Preparo	27
2.3.5	Forças Morais	28
3	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, DA COLONIZAÇÃO A GUERRA DE SECESSÃO	29
3.1	A COLONIZAÇÃO	29
3.2	O PROCESSO DE INDEPENDENCIA	31
3.3	A GUERRA DAS 13 COLÔNIAS.	32

3.4 A NOVA NAÇÃO.....	SUMÁRIO	33
3.5 CONSEQUÊNCIAS DA EXPANSÃO NAPOLEÔNICA NA AMÉRICA		34
3.6 PROFISSIONALIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS		35
3.7 A GUERRA DE SECESSÃO AMERICANA		36
4 A EVOLUÇÃO DA DOUTRINA MILITAR NA GUERRA DE SECESSÃO		41
4.1 ORGANIZAÇÃO		41
4.2 EQUIPAMENTOS		42
4.3 INSTRUÇÃO E PREPARO		46
4.4 FORÇAS MORAIS		50
5 CONCLUSÃO		52
6 REFERÊNCIAS		56

1 INTRODUÇÃO

A História tem como principal objetivo observar as mudanças que afetam a sociedade, gerando hipóteses para explicar os fenômenos ocorridos na humanidade. Dentre seus campos, a História Política e História Militar são de fundamental importância para este trabalho. (REMOND, 2003, p. 13)

A História Política e a militar tendem, em muitas ocasiões, a convergir para um mesmo ponto, ou seja, possuem diversos aspectos em comum, como disse Marie Von Clausewitz em seu livro *Da Guerra*: “a guerra é continuação da política por outros meios” e em outra passagem “a arte da guerra, no seu ponto máximo, é a política, mas a política que trava batalhas, e não a política que escreve notas” (CLAUSEWITZ, 2005, p. 292-295). Por isso, ao estudarmos um conflito, é inevitável abordarmos a questão política dos beligerantes envolvidos.

Um dos campos da História Militar é o estudo da evolução da doutrina militar. Conforme o historiador militar Cláudio Moreira Bento, em sua obra *Como estudar e pesquisar história do Exército Brasileiro*, a doutrina militar é dividida em ciência da guerra e arte da guerra. A primeira está relacionada ao preparo da força em relação aos equipamentos, organização, forças morais, instrução da tropa e a sua evolução ocorre em progressão geométrica. Já a segunda está relacionada ao emprego, manifestado pela arte da guerra e possuidora de fundamentos constantes. (BENTO, 1999, p. 2-1)

Com o passar dos séculos e modernização dos meios de combate, a doutrina militar foi se atualizando. No entanto, no século XIX, houve um salto substancial na evolução da doutrina militar que levou a uma maior eficiência dos exércitos e conseqüentemente um aumento exponencial no número de baixas. No intervalo de tempo entre a Guerra da Criméia (1853-1856) e a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), vimos uma doutrina do período napoleônico evoluindo para a doutrina mais próxima daquela que seria usual na 1ª Grande Guerra.

Segundo André Martins em seu capítulo sobre a “guerra de secessão” no livro *História das Guerras* organizado por Demétrio Magnoli, a guerra da secessão, fruto de um conflito político e social entre o sul e norte dos EUA, ocorrida entre 1861 e 1865, é considerada o primeiro combate moderno. Nesta guerra houve a primeira inserção realmente efetiva dos meios tecnológicos disponíveis pela revolução industrial. O uso de ferrovias, fuzis de retrocarga e de alma raiada, a otimização da cauda logística entre diversas tecnologias proporcionadas pela revolução industrial, trouxeram não somente a evolução da ciência da guerra, mas também a necessidade da atualização da Arte da Guerra por parte dos chefes militares.

Partindo dessa explanação, este trabalho visa responder a seguinte questão: Como a revolução industrial influenciou a doutrina militar durante a Guerra da Secessão que a caracterizou como a primeira guerra moderna?

Devido ao avanço tecnológico dos meios de combate que proporcionaram uma maior precisão e uma maior letalidade dos meios de combate, os chefes militares, tanto do sul como do norte, se viram obrigados a inovar no emprego das frações pois as táticas e técnicas de combate se tornaram obsoletas. Assim, a industrialização norte-americana proporcionou as condições para a grande evolução da doutrina militar, marcando a Guerra Civil Americana como a primeira guerra moderna.

Esta pesquisa justifica-se, pois, conforme o manual de fundamentos Doutrina Militar Terrestre, “a doutrina deve se manter permanentemente atualizada em função da evolução da natureza dos conflitos resultado das mudanças da sociedade e da evolução tecnológica”. (BRASIL, 2019, p. 1-1). Sendo a evolução da doutrina militar o foco de estudo da História Militar, é de fundamental importância a análise da evolução da doutrina militar ao longo da história, não somente a brasileira, mas de países como os Estados Unidos da América, potência mundial e grande parceiro bélico brasileiro. Assim o militar poderá prestar auxílio oportuno ao comando e nas tomadas de decisões referente aos interesses da Força Terrestre (CARDOSO, 2012, p. 120).

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a importância da Guerra de Secessão para a evolução da doutrina militar moderna.

1.1.2 Objetivos específicos

Descrever as características da doutrina militar vigente da Guerra da Criméia até o início da Guerra Civil Americana;

Analisar a história dos Estados Unidos da América desde a sua colonização, identificando a formação do exército e os fatores que culminaram na guerra de Secessão;

Analisar a doutrina militar da Guerra Civil Americana como modelo evolutivo em relação às guerras anteriores.

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

1.2.1 HISTÓRIA POLÍTICA

A História Política já teve seu foco voltado para a história do soberano e na exaltação da monarquia. No entanto, com as revoluções que destronaram os monarcas e acabaram com o absolutismo, a História Política voltou seus focos para o estudo do Estado, da nação e as lutas e revoluções que as procedem. Com o passar dos anos, o Estado cresceu, sendo responsável por legislar, controlar a economia, regulamentar a produção, prestar assistência social, disponibilizar saúde, cultura e educação. Esta expansão do Estado trouxe simultaneamente ampliação da História Política. (REMOND, 2003, p. 15-24).

As fronteiras que delimitam o campo do político não são eternas: seu traçado conheceu muitas variações ao longo da história. Em nosso século, a evolução se fez no sentido da extensão: pode-se dizer que também o universo político está em expansão [...]há algumas décadas mostrará que praticamente não há hoje muitas realidades da nossa sociedade que a história política não tenha começado a explorar, desde as classes sociais até as crenças religiosas, passando pelos grandes meios de comunicação ou as relações internacionais. (REMOND, 2003, p. 26)

A guerra, segundo Marie Von Clausewitz em seu livro *Da Guerra*, é diretamente controlada e afetada pelas decisões políticas.

Se a guerra é parte da política, esta determinará o seu caráter. À medida que a política torna-se mais ambiciosa e mais vigorosa, o mesmo acontecerá com a guerra e isto poderá chegar ao ponto em que ela atingirá a sua forma absoluta. Se olharmos para a guerra sob esta luz, não precisamos perder de vista esta forma absoluta: pelo contrário, devemos tê-la constantemente em mente. (CLAUSEWITZ, 2005, p. 718)

1.2.2 HISTÓRIA MILITAR

A História Militar surgiu na Grécia Antiga, com os relatos testemunhados das batalhas. Na idade média, foi bastante desenvolvida através do trabalho dos monges, porém era centrada na provisão Divina. Com o passar dos anos a História Militar se tornou apenas um campo da

História Política e mais recentemente, com a influência do marxismo, foi deixada de lado por se tratar apenas uma expressão da “luta de classes”. (CARDOSO, 2012, p. 113-120).

Com isso, A História Militar se tornou, em sua maioria, objeto de estudo das Forças Armadas, criando um conhecimento mais especializado e técnico, voltado tanto para a análise e interpretação dos fatos como prestar auxílio ao comando, conforme explica o historiador militar brasileiro, Cláudio Moreira Bento:

História Militar é a parte da História da Humanidade que nos permite reconstituir a História da Doutrina Militar. É a Ciência e a Arte da Guerra utilizadas pelos exércitos, com o fim de, respectivamente, se prepararem para as guerras ou quando nelas forem empregados. (Bento, 1999, p.2-1)

A Ciência Militar tem por definição o conjunto de conhecimentos acumulados pela História Militar da Humanidade, coordenados com o objetivo do preparo das forças armadas para a guerra. Já a Arte da Guerra é a perícia, originalidade, habilidade e a astúcia do comandante, em utilizar os conhecimentos e meios fornecidos pela Ciência Militar e os empregar com apoio nos fundamentos da própria Arte da Guerra. Tudo com vistas a conquista de objetivos determinados pela Política de Defesa do país. (Bento, 1999, p. 4-8).

Através da análise das mudanças no emprego das frações no transcorrer da guerra da secessão e dos avanços tecnológicos dos meios de combate disponibilizados pela indústria, será possível concluir sobre o papel da revolução industrial na mudança da doutrina militar.

1.3 REVISÃO DA LITERATURA

Leandro Karnal aborda em seu livro *História dos Estados Unidos das origens ao século XXI* o cenário político e social americano nos anos que antecedem o conflito. Apesar do antagonismo presente entre o sul agrícola e escravocrata e o norte mais industrializado e de trabalhadores assalariados, ambos buscavam expandir suas influências para o então desconhecido Oeste. Nos anos de 1850, o sul possuía um maior poder político federal enquanto a população do norte superava a do Sul. O impasse entre as regiões teve seu ápice nas eleições de 1860 quando o candidato abolicionista do Norte, chamado Abraham Lincoln, vencendo as eleições desencadeou o início das hostilidades. (KARNAL, 2007, p. 153-154)

André Martins aborda em seu capítulo sobre a “Guerra de Secessão” no livro *História das Guerras* organizado por Demétrio Magnoli, que tanto os confederados quanto a

União esperavam um combate curto no entanto, não aconteceu. O norte possui um número maior de homens, uma economia e industrialização mais desenvolvida e continha o apoio de 4 milhões de escravos no Sul. Em contrapartida, o Sul possuía o maior número de oficiais, incluindo os dois maiores generais dos EUA além de possuir a vantagem de estarem combatendo em território próprio. A superioridade doutrinária confederada fica evidente ao compararmos o número de baixas, pois entre os 620 mil soldados mortos, 360 mil eram nortistas e 260 mil sulistas. (MARTINS. *In*: MAGNOLI, 2007, p. 236)

A Guerra de Secessão foi caracterizada como a primeira guerra moderna não somente pela utilização de armamentos disponibilizados pela revolução industrial, mas também por ter sido o primeiro conflito a ser lutada por cidadãos e não por um exército profissional além de ter empregado o conceito de guerra total onde somente a rendição completa do inimigo poderia levar ao fim dos conflitos. (MARTINS. *In*: MAGNOLI, 2007, p. 242)

1.4 REFERENCIAL METODOLÓGICO

1.4.1 TIPO DE PESQUISA

O tipo de pesquisa em relação a profundidade a ser utilizada será a explicativa. A preocupação desse tipo de pesquisa é identificar os elementos que contribuem ou agem como fundamento para a ocorrência de episódios determinados. É o tipo de pesquisa que explica as razões ou os porquês das coisas. (LEONEL; MOTTA, 2007, p. 104). Este trabalho visa identificar como os fatores fornecidos pela revolução industrial acarretaram a evolução da doutrina militar.

Quanto a abordagem do tipo de pesquisa, será utilizada a abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa propõe-se a relatar um problema, analisar como as variáveis se interagem, compreender como os grupos sociais se relacionam assim contribuindo para a evolução destes grupos e possibilitar a compreensão das peculiaridades do comportamento do indivíduo. (SOUZA NETO, 2006, p. 54) O problema a ser descrito neste trabalho é a guerra civil Americana, as variáveis a serem analisadas foram introduzidas pelo avanço tecnológico do século XIX que condicionaram a evolução da doutrina nos campos de batalha norte-americanos.

1.4.2 MÉTODOS

O método a ser empregado será o histórico. Este método parte do princípio que o estilo de vida da sociedade atual, as instituições e os costumes têm origem no passado (MARCONI; LAKATOS, 1991, 107). Neste trabalho, serão estudados a sociedade ocidental, as instituições militares, os Estados e principalmente a doutrina militar que antecede a guerra de secessão a fim de compreender a evolução da doutrina militar.

1.5 Procedimento de pesquisas

Os processos a serem empregados para a coleta de dados serão o bibliográfico e o histórico. O processo bibliográfico encontra a solução do problema através da busca de dados em livros e pode ser usada para ampliar o grau de conhecimento numa determinada área, para dominar o conhecimento disponível e para descrever o que há de mais atualizado sobre o tema pesquisado (Köche, 2000, p. 122) Serão utilizados como base de coleta de dados, livros de historiadores e chefes militares especializados tanto na história política como na militar.

A pesquisa histórica é aquela voltada à investigação de acontecimentos, processos e instituições do passado, a fim de se verificar a sua influência na sociedade de hoje. Para que os resultados sejam validados, é necessário que os estudos desenvolvidos durante a pesquisa remontem aos períodos de sua formação e de suas modificações. (AMAN, 2019, p. 63)

Os dados coletados nas bibliográficas referente aos avanços tecnológicos e sociais serão analisados a fim de verificar a influência destes fatores na evolução da doutrina militar.

2 A DOCTRINA MILITAR VIGENTE DA GUERRA DA CRIMÉIA A GUERRA CIVIL AMERICANA

O objetivo desse presente capítulo é expor a doutrina militar que antecedeu a Guerra de Secessão Americana. Para isso, será abordado os princípios conflitos e eventos que contribuíram para o método de combate utilizado na guerra civil Americana.

2.1 REVOLUÇÃO FRANCESA

A França, diante de uma crise financeira que resultou em cobrança excessiva de impostos ao povo e cercada de pensamentos Iluministas, apresentava um cenário perfeito para grandes turbulências sociais. Estes foram as causas para a Revolução Francesa, fato histórico que deu fim ao Antigo Regime, marcando o fim da Idade Moderna, revolucionando a doutrina militar e inspirando diversas outras nações a acabar com o absolutismo. (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 155).

Esse período de transição é marcado por instabilidade política, econômica e social onde as camadas da sociedade francesa entram em conflito a fim de garantir os seus interesses, como explica Marco Mondalini em *Histórias da Guerra*:

Dessa forma, explodiram na França quase que simultaneamente, no final da década de 1780, três revoluções: a) uma “revolução aristocrática” que objetivava a descentralização além da autonomia local; b) uma “revolução burguesa” que visava extirpar os obstáculos existentes para a produção e afirmar o direito inalienável à propriedade privada; c) uma “revolução popular”, de um lado urbana, voltada para a imediata melhoria das condições de existência e da situação do trabalho, e de outro lado rural, direcionada para a conquista da posse da terra e a erradicação da servidão. (MONDALINI, *In*: MAGNOLI, 2007, p. 195)

Entre 1792 e 1794, os jacobinos voltados a acabar com toda o resquício da nobreza francesa, instauraram o terror ao guilhotinar todos que se opunham à revolução. Com isso, o oficialato do exército francês composto quase que exclusivamente dos nobres, sofreu grandes perdas pois muitos foram mortos e outros fugiram para outros países devido ao temor. (MONDALINI, *In*: MAGNOLI, 2007, pp. 196-203)

Diante da vacância no oficialato, as praças mais distintas foram escolhidas entre seus pares para comandar. A jovialidade destes comandantes garantiu, posteriormente, ao exército francês grandes inovações e atributos como flexibilidade e mobilidade que resultaram no triunfo do grande Exército. (HOBBSAWN, 2000, p. 104)

O Exército francês teve um aumento significativo em seu efetivo, pois pela primeira vez na história houve um alistamento militar obrigatório. Para organizar as tropas foi instituído a Lei Amálgama, que determinava que cada meia brigada fosse composta por um batalhão de soldados veteranos e dois batalhões de recrutas. Essa fusão permitia que os veteranos instruísem os novos soldados e os recrutas impulsionssem a tropa pelo seu entusiasmo (MONDALINI, In: *MAGNOLI*, 2007, p. 204). O equipamento desse novo exército era escasso, muitos soldados iam pro combate usando equipamento próprio e vestimentas comuns. A tropa usava o fuzil de pederneira modelo 1777 (LACERDA; SAVIAN, 2015 p. 152)

Apesar do fervor patriótico dos franceses, a instrução e o preparo da tropa era deficitária, muitos soldados combatiam com apenas algumas horas de instrução. A fim de contornar a inexperiência da tropa e o equipamento deficitário, houve uma simplificação do método de combate, deixando de lado o formalismo. As formações se tornaram flexíveis, combinando ação e choque, o comando de fogo deixou de ser sincronizado para ser livre e foi empregado o princípio nos planejamentos.

O ponto central da estratégia do Grande Exército francês consistia na utilização da massa de soldados como um corpo coeso capaz de movimentar-se como máximo de velocidade em seus deslocamentos, recorrendo sempre à ofensiva como elemento-surpresa — uma ofensiva pautada decisivamente na força da infantaria na luta travada corpo a corpo, tendo como arma fundamental a baioneta. (MONDALINI In: *MAGNOLI*, 2007, p. 195)

Dentre os jovens oficiais, Napoleão Bonaparte destacou-se durante a sua campanha na Itália:

Desenvolvida entre abril de 1796 e abril de 1797, a “campanha da Itália” representou o grande trampolim da carreira de Bonaparte. No seu decorrer, o jovem general de apenas 27 anos demonstra toda a sua genialidade na arte militar, recuperando um exército quase que limitado à infantaria, formado por infantes tornados saqueadores em função da situação de penúria em que se encontravam. Ao sair vitorioso de uma situação completamente adversa, Bonaparte acabou se impondo como a solução para os males que a Revolução não conseguia resolver. A partir de então, o comandante-em-chefe do Exército da Itália passa a ser considerado o “filho pródigo” da Revolução, passando a intervir não somente nas questões militares, mas, cada vez mais, no plano político e na vida de todo um povo (RICHET, 1989, pp. 3-16.)

O “filho pródigo” da França se envolveu cada vez mais na política francesa, chegando a torna-se cônsul vitalício e posteriormente imperador da França para acabar com a instabilidade política e econômica. No entanto, a estabilidade interna que logo foi ameaçada pelo expansionismo napoleônico.

Diante do êxito do Exército francês, os países se viam ameaçados e, encabeçados pela Grã-Bretanha, começaram a realizar alianças a fim de impedir a expansão do império Napoleônico.

Não dispo de um exército que fizesse frente ao francês, a Inglaterra sempre procurou construir coalizões antinapoleônicas com aquelas monarquias temerosas em relação à expansão da Revolução Francesa, com intuito de lançar seus exércitos em conjunto — com o devido apoio financeiro inglês — contra o Grande Exército francês. Entre 1792 e 1797 (Primeira Coalizão) e entre 1798 e 1801 (Segunda Coalizão), a Inglaterra já havia tentado, sem êxito, derrotar a Revolução Francesa dessa maneira. Em 1805, mais uma vez, os britânicos recorreram a essa fórmula, e, também dessa vez, sem a obtenção de êxito. (MONDALINI. *In*: MAGNOLI, 2007, p. 207)

A chave do sucesso do exército napoleônico, que lhe tornou invicto perante as coalizações, foi a velocidade com que a tropa se desdobrava e pela estratégia empregada. Os ataques eram iniciados pelos fogos da artilharia fazendo uma barragem, seguida pela cavalaria atacando os pontos mais frágeis do inimigo e finalizado pela infantaria consolidando e mantendo a posição inimiga. (MONDALINI. *In*: MAGNOLI, 2007, p. 205)

Como exemplo, temos a vitória do exército francês em Austerlitz contra a terceira coalização (composta pela Inglaterra, Império Austro-húngaro e Rússia), mesmo em desvantagem de 3 franceses para cada 4 aliados. A coordenação entre as armas fica evidente no trecho do livro Atlas Hutchinson de Plano de Batalhas

O primeiro ataque aliado nessa área feito pela cavalaria do Príncipe Liechtenstein foi facilmente repellido pelo acurado fogo de mosquete e artilharia das tropas de Lannes. Quando Bagration renovou o ataque com maior potência, Murat empregou a Divisão de cavalaria pesada que esmagou a primeira linha de Liechtenstein. Alternando fogo e cargas de cavalaria, os franceses repeliram a cavalaria aliada. (HOLMES; PIMLOTT, 2007, p. 186)

A flexibilidade nas formações e a coordenação garantiram a vitória francesa também no combate corpo a corpo

Mas, embora as tropas aliadas lutassem bravamente[...] A habilidade das unidades francesas em trocar de formação e manobrar de forma coordenada lhes permitia aproveitar o terreno e varrer as desordenadas colunas aliadas com devastadoras rajadas de fogo, muitas vezes rompendo-as, Enquanto as tropas aliadas deixavam rapidamente as elevações, os franceses avançavam “baionetando” os feridos como lhes for ordenado. (HOLMES; PIMLOTT, 2007, p. 187)

Ciente que não conseguiria invadir a Inglaterra devido a poderosa marinha britânica, Napoleão decreta o Bloqueio Continental, proibindo os países a negociarem com os ingleses para assim enfraquece-los. No entanto, muitos países não seguiram as ordens e continuaram a negociar com os britânicos. A Rússia, aliada francesa, foi um destes e países que continuava a

importar mercadorias inglesas. Com isso, o Imperador da França, confiante por suas sucessivas vitórias, decide marchar contra a Rússia em pleno inverno com um impressionante exército de 600 mil homens. As intempéries do inverno, juntamente com a estratégia russa de destruir as cidades e campos por onde a tropa francesa passaria (terra arrasada), levou a queda do grande exército francês, tendo Napoleão retornado da Rússia com o efetivo bem reduzido de sua tropa.

Esse retorno passaria a ser lembrado como um dos maiores desastres da história militar mundial. Cercados pelos exércitos russos, com um suprimento de víveres totalmente inadequado e sob um frio precoce de -20° C, apenas 100 mil conseguiram ultrapassar a fronteira russa. Do total de mortos, apenas um quinto havia morrido nos campos de batalha. O restante padecera de fome, frio, doenças, exaustão, além dos desertores e capturados ((MONDALINI. *In*: MAGNOLI, 2007, p. 211)

Já desgastados da campanha russa e cansados dos conflitos, os franceses não resistem a sexta coligação europeia e acabam ele consegue fugir, retornando para a França. Os países formam uma sétima coalização para lutar contra o exército francês que é finalmente derrotado na batalha de Waterloo, Bélgica.

A derrota francesa ocorreu por uma sequência de decisões erradas que iam de encontro a doutrina vitoriosa empregada nas outras guerras. Primeiramente foi utilizado a formação coluna de divisão, que era ultrapassada por ser muito rígida. Apesar de proporcionar o máximo de poder de fogo a frente, a rigidez impedia que a tropa formasse um quadrado para se defender da cavalaria aliada. Dessa forma, a cavalaria desorganizou toda a infantaria francesa e destruiu a estratégia napoleônica. (HOLMES; PIMLOTT, 2007, p. 103)

O segundo erro foi o ataque da cavalaria francesa sem o apoio de fogo da artilharia. Tanto a cavalaria ligeira como a encouraçada avançaram sobre a infantaria Inglesa bem posicionada e apoiada pela artilharia, resultando na destruição da cavalaria francesa. O colapso do exército francês ocorreu com a queda da guarda imperial que atacou de cima para baixo a brigada britânica que era apoiada por peças de artilharia. Sem a sua guarda, O imperador fugiu em sua carruagem. Tendo todo seu exército aniquilado, Napoleão foi preso e exilado na ilha de Santa Helena pelo resto de sua vida. (HOLMES; PIMLOTT, 2007, p. 110)

A revolução militar resultante da Revolução Francesa se destacou pela mobilização em massa de enormes contingentes da população que, com um substancial sentimento de fervor patriótico, começaram a se interessar pelas questões bélicas da nação. Além da evolução militar, a Revolução Francesa trouxe o pensamento político contemporâneo, sendo o ponto de transição entre o “Velho Mundo e o Novo Mundo” (MONDALINI. *In*: MAGNOLI, 2007, p. 192)

Na parte tática, a flexibilidade das formações, o ataque coordenado entre a infantaria, cavalaria e artilharia e os princípios de ofensiva de Carnot (Joseph-François-Claude) estrategista francês, foi a base que norteou o exército durante todo o Império Napoleônico. Carnot tornou vitorioso o princípio da ofensiva. Escreveu, na época, aos generais: “Mantenham suas tropas reunidas. Caiam em massa sobre o inimigo. Ataquem, sempre”. (SANTOS, 1998, p. 196)

Após a Napoleão, alguns estudiosos da guerra influenciaram muito a doutrina militar contemporânea:

Antoine Henri Jomini (1779-1869), era um cidadão suíço que se tornou conselheiro de Napoleão e posteriormente do Czar Russo. Ele escreveu diversas obras deixando um legado para as futuras guerras modernas.

O seu maior mérito como pensador militar reside no fato de que, ao contrário de seus predecessores, não apresenta regras oriundas de uma teoria que ele próprio elaborou, mas retirando-as dos grandes feitos de Frederico II e Napoleão(...), Jomini sistematizou o que havia de realmente importante na arte da guerra, desde a Antiguidade até seus dias(...). Jomini procura estabelecer os princípios básicos da estratégia, e com isso influenciou em todos os estudos estratégicos que foram feitos em seguida aos seus primeiros trabalhos. (SANTOS, 1998, p. 214)

Karl von Clausewitz (1780-1831) sentou praça aos 12 anos no exército prussiano de Frederico II. Em 1801 ingressou na escola de Berlim se formando em 1803. Em 1810 Clausewitz tornou-se membro do Estado-Maior-Geral prussiano e professor da Escola Militar da Prússia. Durante a aliança franco-prussiana, Clausewitz saiu de suas funções e foi servir no Exército Russo. Em 1815, após a dissolução da aliança, retornou ao Exército prussiano, onde iniciou seus trabalhos escritos, ficando até 1830 e falecendo em 1831. (SANTOS, 1998, p.214)

Clausewitz explicou diversos conceitos como “guerra absoluta” e “guerra total”, criou os fundamentos para a guerra psicológica moderna e a sua ideia mais divulgada de que a guerra era uma continuação da política nacional:

A guerra é um instrumento da política; deve, necessariamente, a ela subordinar-se e a ajustar-se à sua escala. A conduta da guerra, em suas grandes linhas, é, portanto, a política armada de espada em vez de pena, mas não deve, por isso, deixar de reger-se por suas próprias leis. (CLAUSEWITZ, 1996, p. 723)

As ideias de Clausewitz se tornaram a base dos estudos militares no mundo, sendo utilizados até os dias de hoje. Sobre a sua influência, o Conde Von Schlieffen, chefe do Estado Maior alemão entre 1891 e 1906 diz:

A doutrina militar (de Clausewitz) é no fundo e na forma, a mais perfeita que já se enunciou. Muitos dos seus princípios passaram para os nossos regulamentos. E quem quer que seja, na Alemanha, que ensine guerra tira seus ensinamentos de Clausewitz, essa infalível fonte de pensamento. (SANTOS, 1998, p.220)

2.2 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Durante milênios, a história da humanidade estava inteiramente ligada à agricultura. As sociedades se desenvolveram em torno das áreas cultiváveis e detinha o poder quem possuía o controle dessas áreas. No entanto, no século XVIII, na Inglaterra houve uma revolução que, assim como a Revolução Francesa, transformou drasticamente as relações de poder e o estilo de vida humano. (FULLER, 2002, p. 79)

Enquanto a Revolução Francesa deu um novo sentido para a guerra, mostrando que a guerra não é apenas interesse dos monarcas e sim do povo e da nação, a Revolução Industrial possibilitou que os grandes contingentes de soldados se locomovessem rapidamente pelas linhas férreas e se equipassem com armamentos altamente eficazes, transformando-os exércitos profissionais.

Eric Hobsbawm explica que a Revolução Industrial se iniciou na Inglaterra não por possuir um conhecimento científico muito superior aos demais países, já que os inventos eram simples, mas sim por ter as condições ideais

Qualquer que tenha sido a razão do avanço britânico, ele não se deveu à superioridade tecnológica e científica. Nas ciências naturais os franceses estavam seguramente à frente dos ingleses, [...] Suas invenções técnicas foram bastante modestas, e sob hipótese alguma estavam além dos limites de artesãos que trabalhavam em suas oficinas ou das capacidades construtivas de carpinteiros, moleiros e serralheiros: a lançadeira, o tear, a fiadeira automática. Nem mesmo sua máquina cientificamente mais sofisticada, a máquina a vapor rotativa de James Watt (1784), necessitava de mais conhecimentos de física do que os disponíveis então há quase um século. [...] Mas as condições adequadas estavam visivelmente presentes na Grã-Bretanha (HOBSBAWM, 2015, p. 22)

As condições ideais eram a estabilidade política, o foco no desenvolvimento econômico do estado e uma produção agrícola com excedentes. A Revolução Gloriosa, ocorrida no século XVII instituiu o parlamento britânico, acabou com a monarquia absolutista e diminuiu o poder da Igreja Católica. Sem o catolicismo que condenava a usura, o capitalismo ganhou forças, alavancando a perspectiva do desenvolvimento econômico e a obtenção de lucro privado. Já na agricultura, os campos ingleses conseguiam produzir excedentes para alimentar uma população

não agrícola, fornecer a matéria-prima para as fábricas e gerar acúmulo de capital. (HOBSBAWM, 2015, p. 24)

Diante desse cenário, houve a criação da indústria inglesa, primeiramente têxtil e que logo se expandiu para outros setores. Em 1800 a Grã Bretanha produzia 10 milhões de toneladas de carvão, representando 90% da produção mundial. A França em segundo lugar, produziu cerca de um milhão de toneladas. (HOBSBAWM, 2015, pp. 31-32)

A Revolução Industrial teve grande impacto na sociedade, dela surgiu uma nova classe de trabalhadores, o proletariado. Ele era constituído pelos operários das indústrias que trabalhavam de forma ininterrupta em condições insalubres por salários baixíssimos. Sem dinheiro muitas vezes pra sobreviver, os operários não constituíam um mercado interno com demanda suficiente, por isso, as produções britânicas foram direcionadas para exportação em todo mundo. (FULLER, 2002, pp. 84-85)

O novo contexto social encontrado na Europa pelo desenvolvimento da indústria influenciou pensadores como Karl Marx (1818-83) e Friedrich Engels (1820-1895) a desenvolverem o Socialismo. O Manifesto Comunista e O Capital, escritos na metade do século XIX por Marx, defendem que a história da humanidade é uma luta de classes, entre os oprimidos e os opressores, entre os camponeses e os senhores feudais, entre o patrão e o proletariado. Estas obras influenciam as ciências humanas até os dias de hoje.

As fábricas não tardaram em produzir, em escala industrial, armas, alimentos, fardamentos e todo material bélico que fosse necessário. No entanto, o fator diferencial foi o espírito inventivo que surgiu com a revolução Industrial, que não só modernizou os campos de batalha como nunca antes visto, mas deu início a corrida bélica que perdura até os dias de hoje. (FULLER, 2002, pp. 83-84)

O primeiro conflito em que a Revolução Industrial começou a impactar foi a guerra da Criméia, travada entre o império Russo e a aliança formada pela França, Inglaterra, Turquia e Piemonte-Sardenha.

2.3 GUERRA DA CRIMÉIA

2.3.1 Breve Histórico da Guerra da Criméia

Após o fim da guerras napoleônicas, foi realizado em 1815 o Congresso de Viena para instaurar a paz e restaurar as fronteiras originais dos países outrora conquistados por Napoleão. A paz no Continente foi ameaçada quando o Czar Nicolau I, imperador russo, demonstrou interesse em conquistar os estreitos de Bósforo e Dardanelos, o que lhe garantiria acesso ao mar Mediterrâneo e lhe daria o domínio sobre a região dos Balcãs. (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 187)

O conflito iniciou-se com a invasão russa no Império Otomano, nos principados da Valáquia e da Moldávia em julho de 1853. O ataque levou os turcos a declararem guerra ao invasor. Em novembro de 1853, a frota russa realiza um ataque surpresa a frota turca que se encontrava no Mar Negro, na altura de Sinope, na porção Sul do mar Báltico.

Diante da agressão, a França, a Inglaterra declaram guerra ao Czar. Tais aspirações russas foram de encontro à Inglaterra, que temia um comprometimento de suas rotas comerciais no mediterrâneo com a expansão naval russa. A França se mostrou contrária ao conflito devido ao controle de lugares santos localizados na Palestina, disputado entre os ortodoxos e os católicos franceses. (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 188)

Visando impedir o avanço russo, os aliados enviaram frotas a fim de proteger os estreitos de Dardanelos e Bósforo além da capital turca (Constantinopla). A ofensiva naval aliada almejava conquistar a base em Sebastopol e, de forma secundária, dividir as suas forças no mar báltico.

O desembarque ocorreria primeiramente em Varga, com o objetivo de combater as forças russas que se localizavam na região dos Balcãs. No entanto, devido a uma prematura retirada, os aliados deslocaram-se para a Criméia, lutando em Alma, Inkerman e Balaklava para finalmente cercarem a cidade de Sebastopol que se encontrava extremamente fortificada. (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 190)

Após o inverno de 1854-1855, o reino Piemonte-Sardenha entrou na guerra aliando-se aos franceses e britânicos visando um futuro apoio nas lutas que ocorreriam numa possível unificação italiana. Em setembro de 1855 os russos deixaram a região garantindo a vitória dos Aliados que abriram uma rota segura para os navios britânicos no mar mediterrâneo.

Na guerra da Crimeia foram testados diversas tecnologias devido a Revolução Industrial, porém foram muito incipientes, apenas mostraram ao mundo quão violento e brutal um conflito pode ser:

A Guerra da Criméia fora importante por vários motivos. Nela se deu o primeiro uso militar do telégrafo, do navio a vapor e da ferrovia. Foram desenhadas e usadas minas navais e terrestres, acionadas por impulso elétrico ou por contato, além de granadas de gases asfixiantes. Com ela nasceria um novo tipo de imprensa, a cobertura de guerra (que teria como seu inaugurador o jornalista William Howard Russell), e uma nova técnica de retrato, a fotografia. Foi a única guerra europeia, entre 1815 e 1914 a envolver mais de duas potências daquele continente. Mas, para os profissionais militares americanos foi a única oportunidade de testemunhar e escrever sobre um conflito da era industrial antes do cataclismo que se precipitaria com a Guerra de Secessão Americana. (GONÇALVES, 2015, p.72)

2.3.2 Organização

Para explanar sobre a doutrina militar vigente na guerra da Crimeia será abordado características dos exércitos aliados. O Exército turco consistia praticamente da infantaria, organizada em regimentos que variavam em sua qualidade. A logística era muito ineficiente, obrigando os militares a buscar os alimentos do ambiente aonde se encontravam. O recrutamento era obrigatório e eram convocados homens de todo o império otomano. (EDGERTON, 1999, p. 41)

O exército francês era o mais preparado. Após as guerras napoleônicas, ele combateu em suas colônias adquirindo experiência e os equipamentos mais modernos para a época. Tinha uma base logística eficiente e um sistema de saúde operante. O sistema de recrutamento era por sorteio e os escolhidos serviam por um período de 6 anos. Havia a possibilidade do francês pagar para não servir, mas a taxa era elevada, custava cerca de dois ano de salário mínimo. (EDGERTON, 1999, p. 53)

A Grã-Bretanha mantinha um pequeno exército de apenas 100.000 homens, e muitos deles estavam destacados nas colônias britânicas, principalmente na Índia. O recrutamento era dificultado devido ao soldo ser inferior ao salário mínimo médio dos trabalhadores. No entanto, ao contrário de todos os outros exércitos nesta guerra, a Grã-Bretanha usou apenas voluntários. Exceto por alguns criminosos e condenados ao serviço militar por magistrados (EDGERTON, 1999, pp. 46-47)

2.3.3 Equipamentos

O fardamento dos soldados, baseados na batalha campal dos conflitos napoleônicos, eram vistosos tornando o combatente num alvo fácil, desconfortáveis e inadequados para o combate pois esquentavam muito durante o verão e não aquecia os militares no inverno. Como

exemplo, temos o uniforme britânico, que era o mesmo usado na batalha de Waterloo a 40 anos antes e eram utilizados tanto para formaturas como para combate. Os regimentos de infantaria usavam túnicas vermelhas apertadas com cintos de couro branco. Cada regimento possuía um capacete com uma cor diferente para representa-los. (EDGERTON, 1999, p. 46)

O rifle empregado pela maior parte da tropa era o americano Enfield, modelo 1852 que consistia de uma versão melhorada do Minié francês. Este sistema tinha o alcance de 1000 metros. Há uma conclusão entre os historiadores modernistas ingleses que a associação feita entre o armamento raiado e a bala de Minié foi a principal causa da revolução da doutrina militar das guerras modernas. (GONÇALVES, 2015, p. 19)

O funcionamento do sistema consistia:

A carga, ao explodir, lançava o copo para dentro da cavidade cônica, fazendo com que a parte de trás do projétil se expandisse, encaixando-se nas raias. Isso impedia o escape de gases em torno do projétil, aumentando o alcance da arma e fazia também o projétil girar, dando-lhe mais precisão. No início do século XIX, as cápsulas de percussão (espoletas) substituíram a pederneira como elemento de iniciação da queima da pólvora por ocasião do tiro. As espoletas eram de fulminato de mercúrio [(Hg(ONC)2)], um explosivo muito sensível à fricção e ao impacto (...) Mais confiável e prática do que a pederneira, a cápsula de percussão foi rapidamente adotada pelos principais exércitos. (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 189)

O projétil Minié tinha uma velocidade superior aos outros projetis, tanto que podia matar 4 homens enfileirados. Esta vantagem aumentou a efetividade pela tropa, como explica Hart

O formato da bala [Minié] [...] produziu um grande aumento de precisão e alcance efetivo. A uma distância de 400 jardas ela registrou mais de 50 por cento em acertos de tiros disparados em um alvo, comparados aos menos de 5 por cento do mosquete de percussão, que havia sido adotado apenas dez anos antes. Mesmo a distâncias acima de 800 jardas, atiradores obtinham cerca de 40 por cento em acertos. O rifle Minié foi usado pela primeira vez durante a campanha de 1852 na África do Sul contra os kaffirs e descobriu-se que era eficiente em dispersar pequenos corpos de kaffirs a distâncias acima de 1300 jardas. (HART; 1964, p. 304)

Já a cavalaria britânica equipava-se como carabinas, lanças com pontas de aço, sabres e revólveres Colt, este último pouco usado devido à baixa precisão.

Na área de apoio ao combate, o sistema de transporte era ineficiente e mal organizado. Feito de forma marítima, os cavalos chegavam machucados ou mortos e frequentemente faltava suprimento para as tropas e forragem para os cavalos. Como exemplo, temos a logística britânica. O sistema de apoio logístico distribuía ração, que consistia em porco salgado e grãos de café em quantidades insuficientes para os militares. A ingestão dessa carne de porco era feita crua, pois não havia lenha nem nenhuma outra maneira de cozinhá-la. (EDGERTON, 1999, p. 105)

Alguns comiam tão poucos que ficavam atrofiados e o pouco que comiam, era muitas vezes contaminado. A água ingerida era poluída e as doenças eram espalhadas pelos enxames de moscas e mosquitos e pelas infestações de rato existentes. Os militares de cavalaria comiam os cavalos que morreriam de fome para tentar sobreviver. Tais fatores desenvolveram diversos surtos de doenças como cólera e disenteria entre os militares, a falta de cuidado e saneamento básico agravava a higidez das tropas. (EDGERTON, 1999, p. 19)

Durante o cerco de Sebastopol, as tropas ficaram expostas ao rigoroso inverno de 1854-1855. Além da farda não aquecer durante o inverno, como já foi citado acima, não havia material suficiente para esquentar os militares. O frio sofrido pela tropa era tamanho que os soldados tinham que descongelar as barbas para conseguir abri a boca, chegando ao ponto de soldados experientes se matarem por não conseguirem suportar mais o frio. Nesta situação, o General francês Canrobert admitiu ter perdido 11 458 soldados para o frio, fome e doenças. (WOODS, 1855, p. 200)

O surgimento de novos métodos de alimentação melhorou as condições de alimentação da tropa e conseqüentemente a higidez da tropa.

(...) o sistema de abastecimento foi reorganizado e a tropa passou a depender menos de gêneros perecíveis, pois começou a ser suprida com alimentos industrializados, como a carne enlatada e o leite em pó. Além disso, os britânicos constituíram um serviço de enfermagem liderado por Florence Nightingal, que com simples medidas higiênicas e melhores tratos aos baixados, fez diminuir em muito a mortalidade nos hospitais de campanha. (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 193)

O avanço da logística durante o conflito é evidente ao analisarmos a Brigada naval britânica que serviu nas trincheiras avançadas. A brigada recebeu regularmente durante todo inverno suprimentos de alimentos, inclusive frutas cítricas, roupas quentes. Eles obtiveram água limpa de poços perfurados e adquiriram excelentes hábitos de saneamento básico. (WOOD, 1906, p. 59)

A comunicação mostrou um sutil avanço durante o conflito. Foram instaladas redes de telégrafos elétricos a fim de agilizar a comunicação do alto escalão com suas tropas em campo.

Vale ressaltar, que todos esses avanços citados anteriormente foram utilizados de forma muito insipiente por estarem sendo desenvolvidas e testadas durante os conflitos, além dos comandantes não conseguirem alinhar os novos armamentos com as táticas de combate empregadas.

A guerra da Crimeia marca o advento de diversos meios militares provenientes da Revolução Industrial, que os comandantes militares não souberam empregar corretamente. Este fato, as péssimas condições sanitárias das tropas e os rigores climáticos foram os motivos principais do elevado número de mortes resultantes do conflito (aproximadamente noventa mil franceses, trinta e cinco mil turcos, dezessete mil britânicos, dois mil sardo-piemonteses e cento e trinta mil russos (LACERDA; SAVIAN, 2015 p. 194)

2.3.4 Instrução e preparo

A formação e a capacidade dos oficiais variava muito de um país para o outro. No exército britânico, os oficiais de armas de manobra eram nobres que compravam seus títulos e promoções e que pouco se importavam com a sua preparação para o combate e demonstravam grande amorismo. Na guerra da Criméia apenas 6 oficiais eram formados em Sandhurst. Já os oficiais de Artilharia e Engenharia eram militares que conheciam o ofício e tinham experiências com as técnicas e equipamentos empregados. (EDGERTON, 1999, p. 50)

O oficial francês era formado em academias militares, estudavam além da arte da guerra, topografia, leitura de mapas, táticas, fortificação e era submetido a exames para testar o aprendizado dos futuros oficiais. A promoção dos oficiais era lenta e meritocrática. Em relação aos recrutas, os franceses possuíam a melhor formação. Além de ensinar as táticas e técnicas referentes ao combate, o recruta aprendia sobre higiene, história e moral. Na questão de atributos, os franceses se preocupavam em inculcar no soldado a iniciativa arrojada. (EDGERTON, 1999, p. 54)

Os soldados britânicos no tempo de paz não tinham muito treinamento e além disso eram indisciplinados, viviam bêbados e brigando entre si. No entanto, muitos dos soldados eram veteranos com mais de 6 anos de serviço e integravam Regimentos consolidados que haviam combatido na guerra de independência norte Americana e enfrentado Napoleão por diversas vezes. Com isso, se destacavam no campo de batalha pelo silêncio e eficiência. (EDGERTON, 1999, p. 51)

Durante os conflitos, percebeu-se que a velha forma de combate estava muito defasada em relação à eficiência dos novos armamentos. Com isso, novas formas de combate foram testadas durante o conflito.

O ataque da infantaria consistia em um ataque frontal, a cerca de 200 metros do inimigo, onde os soldados atiravam e andavam. Devido à maior eficácia do fuzil Minié, os ataques frontais iniciavam muito antes, a cerca de 1000 metros, levando a um número muito elevado de

baixas. As trincheiras começaram a se tornar mais comuns como forma de contornar o elevado número de baixas. (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 192)

A cavalaria começou a demonstrar a sua fragilidade perante os fuzis, marcando o início da mudança da doutrina cavalariana, como explica Hart:

[...] Um significativo efeito secundário do desenvolvimento das armas de fogo de infantaria foi a crescente limitação da ação de cavalaria. Na Guerra da Crimeia a cavalaria ainda foi capaz de conduzir seu papel tradicional, embora a um custo pesado. Na Guerra Civil Americana ela logo seria reduzida a combater desmontada em batalha [...] (HART; 1964, p. 304)

As tradicionais cargas de cavalaria se tornaram uma manobra suicida, fato esse observado em Balaclava com a “a carga da brigada ligeira” britânica. 658 cavaleiros atacaram a artilharia Russa no “vale da Morte”, retornando com menos de 200 cavaleiros ilesos e deixando 134 mortos e todos os outros feridos. (GONÇALVES, 2015, p. 123)

2.3.5 Forças Morais

Independente dos equipamentos e da instrução, a motivação do soldado é de fundamental para conseguir sustentar as adversidades do combate. O nacionalismo, ideal que se difundiu com a Revolução Francesa, se tornou a principal força moral dos exércitos. Na Guerra da Crimeia não foi diferente, os soldados lutavam pela sua nação e os interesses dela. A honra pessoal e a de suas unidades contribuía para a disciplina e profissionalismo dos soldados.

O orgulho a pertencer a uma determinada unidade criava uma identidade e gerava camaradagem entre os militares e uma certa competição entre os Regimentos. Muitas vezes tais sentimentos leva-os a agir de forma irracional visando unicamente engrandecer o nome das unidades. Nas cargas contra os russos, havia competição para ver quem entrava em contato primeiramente com os russos. Tal fato é evidenciado quando um oficial britânico, ao cair do seu cavalo que fora atingido, não se preocupa com a sua saúde mas sim que sua unidade seja a primeira a engajar o inimigo, por isso grita a seus homens “não deixe os desgraçados da 17º (lanceiros) chegarem na nossa frente, vamos, vamos”. (BARTHORP, 1991, p. 53)

3 ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, DA COLONIZAÇÃO A GUERRA DE SECESSÃO

O objetivo deste capítulo é apresentar a História dos Estados Unidos, abordando os principais fatos que culminaram na guerra de secessão e na doutrina militar dos exércitos confederado e unionista.

3.1 A COLONIZAÇÃO

O processo de colonização norte americana começou no final do século XVI, por Sir Walter, que estabeleceu assentamento na Virginia em 1584. Diante das doenças e dos desafios que a nova terra apresentava para os europeus, esta primeira empreitada fracassou. Assim, uma nova tentativa foi feita por empresas capitalistas e não pelo estado como foi feito na colonização Ibérica. (KARNAL, 2007, p. 43)

A Lodon Company e a Plymouth Company empresas inglesas, receberam autorização para distribuir terras, administrar minas, cunhar moedas e organizar suas defesas de forma que recebessem lucro. No entanto, nenhuma empresa conseguiu lucro e vieram a falência, mas tiveram participação fundamental na criação das colônias da Virginia e da Nova Inglaterra. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 30)

A Inglaterra vivia um intenso êxodo rural devido a expansão das cidades. Para contornar a situação, foi prometido terra fértil na América para quem saísse da Inglaterra. Assim, resolvendo dois problemas, a colonização e o aumento da densidade demográfica. A maioria desses novos colonos não possuíam posses e para pagar as passagens serviam durante 5 anos nos campos de tabacos americanos. Outro fator que levou diversos imigrantes para a América do Norte, foi a expansão do protestantismo e a perseguição da Igreja Católica. Muitos ingleses seguidores de Lutero viram na nova terra uma forma de viver. Assim, desembarcaram em Massachusetts os peregrinos, que viriam a se tornar os pais de toda a nação americana, o WASP (protestante branco anglo-saxão) (KARNAL, 2007, p. 53)

Os protestantes tiveram papel fundamental na criação de uma identidade americana. Pautados pela crença que todos deveriam ter a livre interpretação da Bíblia e para isso, precisavam ler, os novos colonos logo investiram esforços para construir escolas. Povoados

com mais de 50 famílias deveriam ter um professor. Dessa forma, a bíblia orientou todo o projeto educacional das colônias inglesas. (NEVINS; COMMAGER, 1986, pp. 32-33)

Devido a sua grande extensão, Os EUA possuem uma variação latitudinal que conseqüentemente lhe dão amplas diferenças climáticas. Com isso, a fonte de recursos na nova colônia variavam conforme a localização geográfica. As colônias do Norte, por possuir um clima temperado, não tinha muito sucesso na agricultura. Por isso, recorriam a construção de navios e os utilizavam para realizar comércio. Já as colônias do sul, com o solo e clima mais favorável ao plantio, possuíam como atividade principal a produção de tabaco e para isso, faziam uso dos escravos. (NEVINS; COMMAGER, 1986, pp. 35-36)

Podemos observar que a variação climática e conseqüentemente as atividades econômicas têm grande influência na polarização dos estados que resultou na futura Guerra de Secessão:

Assim, podemos identificar com clareza duas áreas bastante distintas nas 13 colônias. As colônias do Norte, com predominância da pequena propriedade, do trabalho livre, de atividades manufatureiras e com um mercado interno relativamente desenvolvido, realizando o comércio triangular. As colônias do sul com o predomínio do latifúndio, voltado quase que inteiramente à exportação, ao trabalho servil e escravo e pouco desenvolvidas quanto às manufaturas. Essas diferenças serão fundamentais tanto no momento da independência quanto no da Guerra Civil americana. (KARNAL, 2007, p. 69)

Referente a população americana, podemos dividir em 3 grandes grupos, o imigrante europeu, o negro e o índio. A imigração em massa de europeus de diversos países, devido a perseguição aos protestantes e a guerra de sucessão espanhola foi responsável pelo aumento da população em quase 10 vezes durante o século XVIII. Em relação a população já existente nas Américas, os novos colonos eram intolerantes e viam os indígenas apenas como um empecilho para a colonização:

Quanto aos nativos deste país, encontro-os totalmente selvagens e primitivos, alheios a toda decência; mais ainda, incivilizados e estúpidos, como estacas de jardim, espertos em todas as perversidades e ímpios, homens endemoniados que não servem a ninguém senão o diabo [...]. É difícil dizer como se pode guiar a esta gente o verdadeiro conhecimento de deus e de seu mediador Jesus Cristo. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 70)

Já o escravo negro, peça fundamental na economia sulista, chegou na América do Norte em 1619. A presença de diversos povos e, conseqüentemente, uma variação de culturas gerada pela imigração, pela escravidão e pelos indígenas contribuiu para uma heterogeneização entre as 13 colônias.

A vida cotidiana destes novos colonos era semelhante a europeia. Assim como o cristianismo prega, a autoridade residia sobre o pai e todos tinham que trabalhar. Apesar do comércio e das atividades manufatureiras, a maior parte da população se dedicava à agricultura. Apesar das diferenças existentes entre as colônias, o funcionamento delas era bem parecido. Todas possuíam um governador que quase sempre era britânico indicado pela coroa inglesa e conselheiros americanos que possuíam funções administrativas e judiciais. Todas as colônias possuíam uma assembleia representativa. Os colonos demonstravam muito respeito pela lei escrita e possuíam grande participação política. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 82)

3.2 O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA

A Europa passou por um período de muitas guerras no século XVIII que influenciaram no processo de expansão e na independência americana. Tais conflitos, como a Guerra dos Nove Anos (1688-1697) que visava impedir o avanço francês no Reno e a Guerra da Sucessão Espanhola (1703-1713) refletiam nos colonos que eram obrigados a lutar uma guerra que não era deles. Dessa forma os interesses ingleses começaram a ir de encontro com os dos colonos.

Com os recursos voltados para os conflitos em seu próprio território, os países que tinham colônias na América do Norte, foram deixando de lado e abrindo brechas para os colonos expandirem seus territórios. No norte, foi cedido o controle do Hudson, o comércio de pele e o comércio de bacalhau.

A primeira ideia de unificação partiu de Benjamin Franklin, um político americano e defensor do Iluminismo, que organizou uma conferência das 13 colônias em 1794, na cidade Nova Iorque. O governo inglês se sentiu ameaçado e decidiu manter um exército permanente na colônia. Tal ação só amentou a insatisfação dos colonos, pois além do aumento da tributação, foi decretada a lei de hospedagem, obrigando os americanos a acolherem os soldados britânicos em casa e alimentá-los. (KARNAL, 2007, p. 90)

Os primeiros sinais de resistência americana se deu em março de 1765, contra a Lei do Selo que tributava os jornais e documentos públicos. Foram realizados protestos em grandes cidades das colônias. Em uma das manifestações, foram mortos 5 colonos, causando grande alvoroço. Essas mortes foram usadas como propaganda antibritânica pelos manifestantes. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 95)

O estopim para a independência americana foi decorrente do monopólio do chá que a Inglaterra impôs aos seus colonos. A Companhia das Índias Orientais ganhou exclusividade para vender para a colônia, com isso houve um aumento substancial do preço do chá. Como forma de manifestar, os colonos jogaram o carregamento de 3 navios de chá no mar, A repressão inglesa foi forte a fim de coibir mais ações como essa. No entanto, o tiro saiu pela culatra, pois os americanos decidiram lutar pela sua independência (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 97)

3.3 A GUERRA DAS 13 COLÔNIAS

A criação de uma nova nação teve início com o Congresso da Filadélfia. Nesta conferência foi redigido, principalmente por Thomas Jefferson, futuro pai da nação, a declaração de independência que foi publicada em 4 de julho de 1776. Ciente que deveriam lutar por sua liberdade, foram organizadas milícias compostas por cidadãos armados que sabotavam o exército permanente inglês. Vale ressaltar que os colonos se uniram não por um sentimento de amor à pátria, mas sim pelo ódio aos ingleses. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 100)

O iluminismo influenciou a independência americana, principalmente o inglês John Locke, um dos principais filósofos empiristas e difusor do individualismo liberal. A seguir, podemos ver que ele apoia a rebelião caso os governantes não estejam assegurando os seus direitos naturais:

Qualquer pessoa que usar a força ilegalmente, como todos fazem em uma sociedade em que não existe lei, coloca-se em estado de guerra contra aqueles contra quem ele a usa, e nesse estado todos os vínculos anteriores são cancelados, todos os outros direitos cessam e cada um tem o direito de se defender e resistir ao agressor (LOCKE, 1994 p. 225)

O combate foi muito difícil para os colonos. Os ingleses enviaram diversos generais conceituados e pagaram por mercenários alemães. A violência inglesa foi motivo de união das 13 colônias. Os atacantes não poupavam mulheres e crianças e incendiavam aldeias inteiras. Para combatê-los, George Washington, um influente fazendeiro e topógrafo foi nomeado comandante do exército rebelde. (KARNAL, 2007, P. 105)

George Washington enfrentou diversos problemas no comando do Exército patriótico. Os oficiais eram de baixa qualidade, muitos subornavam com rum e dinheiro para conquistar o posto. Os soldados eram insubordinados e por não terem nenhum senso de responsabilidade

muitos desertavam. Para resolver a situação, foi instaurado a corte marcial que permitia punições físicas de até 500 chibatadas. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 103)

O que dava vantagem aos americanos era a localização e o vasto território americano. Era muito custoso para a coroa britânica enviar tropas pelo oceano para combater na América. O amplo território não permitia que a Inglaterra dominasse o país como um todo. O soldado patriótico, apesar de ser insubordinado, demonstrava grande pendor para o combate. Essa espírito de luta presente nos americanos era fruto de a maioria ser oriunda das fazendas. Maquiavel, em seu livro A Arte da Guerra, já falava sobre a vantagem que o homem do campo possui para o combate, pois ele está mais acostumado com as privações e com as dificuldades da vida no campo. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 106)

O campo de batalha foi marcado por impasse até a vitória dos colonos em Saratoga (cidade no estado de Nova Iorque). Esta vitória convenceu os espanhóis e franceses a apoiarem os norte-americanos a lutarem contra o seu rival europeu. Eles apoiaram com tropas e a armada francesa fazia interceptações nos navios ingleses, assim impedindo que chegassem suprimentos para seus homens destacados. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 109)

O último reduto inglês era Yorktown. A cidade foi atacada por um exército de 16 mil homens, composto por colonos e franceses, e bombardeada pela artilharia americana. A vitória da nova nação foi concretizada com um tratado assinado pela a Inglaterra em 1783 cedendo o território aos americanos. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 110)

3.4 A NOVA NAÇÃO

Pautados apenas pelo sentimento contra os britânicos, a nova nação não possuía uma unidade. Fica evidente a falta de consenso entre as antigas colônias, que se tornaram Estado, pelo fato de que a Constituição americana levou cerca de 3 anos para ser escrita. A constituição, que foi publicada em maio de 1790, instituía que os EUA seria uma república federalista presidencial, voltada para o poder do povo e apresenta princípios gerais que asseguram a sua estabilidade e permanência. Em 1791 foram adicionadas emendas a constituições que se referem aos direitos e liberdades individuais. (KARNAL, 2007, p.115)

O primeiro presidente, por decisão praticamente unanime foi George Washington, devido a sua atuação durante a guerra da independência. Washington se mostrou um grande líder durante a guerra, comandou com firmeza e puniu com severidade as insubordinações. No

entanto, quem começou a construir a identidade política do jovem país foi Thomas Jefferson, um intelectual erudito que teve participação ativa a criação da constituição. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 140)

3.5 CONSEQUÊNCIAS DA EXPANSÃO NAPOLEÔNICA NA AMÉRICA

A expansão do império napoleônico (1804-1815), abordada no capítulo anterior, foi de suma importância para a ampliação do território americano. Enquanto os países europeus se preocupavam com a ameaça constante da invasão francesa, as colônias na América ficaram vulneráveis. Dessa forma, os americanos planejam conquistar os territórios ingleses no Canadá e os espanhóis na Flórida. Já a França, cercada de dívidas provenientes das constantes guerras, vendeu a Louisiana para os EUA. (KARNAL, 2007, p. 124)

Os ingleses, como forma de retaliação pela parceria econômica americana com a França, sequestravam os navios e marinheiros americanos e obrigava-os a lutar contra Napoleão. Diante dessa afronta, aliada com a intenção de conquistar as terras europeias na América, os EUA declararam guerra a Inglaterra. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 170)

Este conflito é de fundamental importância para o Exército Norte Americano, pois foi exposto a precariedade das Forças Armadas da nação, em todos os aspectos da doutrina militar, como Gonçalves explica em sua tese:

[...] a sensação que esta guerra lhes deixava era a de que suas defesas não haviam funcionado a contento e que as forças armadas, especialmente o exército, precisavam ser reformuladas urgentemente. O término do conflito faria soar, então, entre os militares e políticos dos Estados Unidos, o sinal de alerta de que era necessário reformular toda a defesa nacional, o que incluía, evidentemente, as instituições militares do país. (GONÇALVES, 2015, p. 39)

A força terrestre da nova nação americana era composta por menos de 3 mil homens e era apoiada por milícias muito mal treinadas e indisciplinadas. O oficialato era problemático em todos os postos, o brigadeiro general mais antigo, James Wilkinson, era um traidor de sua nação, subornado pela França e pela Espanha. Os oficiais eram indicações políticas e possuíam pouco ou nenhum conhecimento técnico. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 169)

Os americanos não só foram derrotados no Canadá, onde desejavam se expandir, como foram vencidos em seu próprio território. Em 1814 teve fim o conflito com os principais países

de Washington incendiados, o exército americano derrotado. Com isso, o governo americano começou a buscar a profissionalização de suas forças armadas.

3.6 PROFISSIONALIZAÇÃO DAS FORÇAS ARMADAS

Os objetivos a serem atingidos era a criação de um corpo de oficiais profissionais altamente qualificados para comandar um exército permanente e profissional que pudesse ser acrescido pelo emprego de milícias de cidadãos, a construção de fortalezas costeiras. (GONÇALVES, 2015, p. 51)

Para atingir estes objetivos, a Academia de West Point teve a sua grade curricular modificada e um processo de seleção mais rigoroso. Os manuais foram atualizados para a doutrina francesa, a mais avançada da época e alinhadas com os pensadores militares já citados no primeiro capítulo, Clausewitz, Jomini e Carnot.

Após 30 anos, o processo de modernização pode ser testado na guerra Mexicana-Americana (1846-48), fruto da expansão norte americana para o Oeste, sobre as terras mexicanas, atualmente correspondem pelo Texas, Nevada, Utah e a Califórnia).

Como já foi dito, o protestantismo calvinista era uma das religiões mais difundidas na América. Pregando a existência de um povo escolhido por Deus para ser salvo, o Calvinismo inspirou a ideia de “destino manifesto” nos americanos. Sintetizando essa ideia, o destino manifesto seria a missão dos norte-americanos de levar o seu modelo de sociedade “perfeita” para as regiões carentes e atrasadas. Esse conceito está arraigado até os dias de hoje na sociedade americana, basta ver as diversas intervenções americanas na história por todo o mundo. (KARNAL, 2007, p. 197)

Já em posse da Louisiana e da Flórida, o expansionismo Americano se direcionou para os outros países americanos. O Texas pertencia ao México, no entanto muitos imigrantes americanos viviam nesse Estado e essa convivência gerava conflitos. O México libertava todos os escravos que chegavam à região, forçava os colonos a se converterem ao catolicismo. Já os americanos, não cumpriam as leis mexicanas. Em represália a essa desobediência, tropas mexicanas massacraram os colonos norte-americanos que viviam na região. Em resposta, o EUA declarou guerra ao México e iniciou a mobilização das tropas americanas. (KARNAL 2007, p 151-152)

As tropas americanas foram enviadas para lutar tanto a norte como a sul. As primeiras operações mostraram que a reformulação das forças armadas americanas estavam dando certo. O exército comandado por Zachary Taylor foi enviado para o norte onde conquistou a vitória na batalha em Palo Alto, mesmo com um número inferior de soldados. A eficiência do soldado Americano foi fruto de estudo de um oficial britânico, enquanto o exército mexicano precisava atirar 8000 vezes para baixar um americano o americano disparava apenas 125 para matar ou ferir um soldado mexicano. (GONÇALVES,2015, p. 64)

Atacando por meio de um desembarque anfíbio na cidade de Vera Cruz no Sul do México, Winfield Scott, Comandante do Exército infiltrou-se pelas montanhas em direção a capital mexicana. Mesmo lutando contra um exército com quase o dobro de efetivo, Scott conseguiu vencer os mexicanos e conquistou a capital do México. A estratégia americana empregada consistia em a engenharia encontrar ou construir uma brecha na linha inimiga, a artilharia realizar fogos de preparação e em seguida a infantaria e a cavalaria avançarem contra o inimigo. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 222)

Como “espólios de guerra” os EUA conquistaram os atuais estados da Califórnia, Texas Nevada e Utah. A Califórnia, além do acesso ao oceano pacífico se mostrou extremamente vantajosa, pois estava repleta de ouro e deu início a corrida do ouro na Califórnia.

Jeferson Finis Davis, um herói da guerra mexicana-americana, foi escolhido como secretário de Guerra. Para ele, o Exército precisava continuar o seu processo de aperfeiçoamento e para isso, foi organizado uma comissão com o objetivo de observar e relatar toda a doutrina militar empregada no conflito que ocorria na Europa, a Guerra da Criméia. Assim, foi organizada a “Comissão Delafield”, composta por três oficiais oriundo de West point. (GONÇALVES, 2015, p.73)

O relatório da comissão consistia em observações sobre avanços tecnológicos que tinham potencial para a guerra, como a mina terrestre acionadas por corrente elétrica, uso de telégrafos e máquinas a vapor. Além dos avanços, foram observados a estratégia de cerco e toda a sua logística envolvida, como o alto consumo de munições e o trabalho dos engenheiros nas construções de posições fortificadas. (GONÇALVES, 2015, pp.76-78)

3.7 A GUERRA DE SECESSÃO AMERICANA

Como já foi exposto, os EUA já mostrava a sua polarização entre o sul e o norte desde o início de sua colonização. O historiador americano Allan Nevins, um dos maiores nomes sobre a guerra de secessão, explica que a escravidão era apenas um fator na divergência cultural entre os moradores do norte e do sul, existia diferenças fundamentais em “suposições, gostos e objetivos culturais” que tornaram virtualmente impossível a convivência em paz das duas sociedades. A situação foi agravada com a anexação dos novos territórios obtidos na guerra mexicano-americana, pois a questão se estes estados seriam escravocratas inflamou os ânimos dos governantes. Assim, as eleições de 1860 foram importantes para o desencadear do conflito. (BRINKLEY, 2010, p. 391)

O resultado das eleições mostraram que a população não queria a guerra:

No dia da eleição, Lincoln recebeu 1 866 452 votos, Douglas 1 376 957, Breckinridge 849 781 e John Bell, do Tennessee, que concorrera com uma plataforma de conciliação regional, recebeu 588 879 votos. Lincoln obteve a maioria não-absoluta dos votos populares, mas uma maioria absoluta no colégio eleitoral. Inquestionavelmente, o voto popular era não só pela restrição da escravidão, mas também pela união e pela paz. Breckinridge, o único candidato secessionista, recebeu menos de 20% do total de votos. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 232)

Apesar da vontade popular, o candidato democrata Abraham Lincoln venceu e discursou falando:

Uma casa dividida não pode perdurar. Creio que este governo não pode suportar ser, permanentemente, metade pela escravidão e metade pela liberdade. Não desejo a dissolução da União- não desejo que a casa se desmorone- mas espero que deixe de ficar dividida. Tornar-se-á inteiramente uma coisa ou outra.” (FULLER, 2002, p. 96)

Dessa forma, podemos concluir, assim como Fuller aborda no seu livro a Conduta da Guerra, que o conflito seria absoluto, ou o Sul se submeteria ao Norte, ou o Norte se submeteria ao Sul. O primeiro estado a se separar foi a Carolina do sul. Após a eleição de Lincoln, Mississippi, Flórida, Alabama, Geórgia, Louisiana e o Texas se uniram aos confederados. Foi eleito como presidente Jefferson Finis Davis, um estadista do Mississippi. Na aurora de 12 de abril de 1861, os canhões sulistas abriram fogo contra Fort Sumter, no porto de Charleston na Carolina do Sul. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 245)

Os principais teatros de batalha podem ser divididos em: o Marítimo, o Vale do Mississippi, a Virgínia e os Estados da costa leste e o fronte diplomático. O primeiro conflito se deu no norte da Virgínia, numa região entre as duas capitais, Washington e Richmond. Apesar da superioridade numérica dos unionistas, os confederados saíram vitoriosos e obrigaram os nortistas a baterem em retirada.

A União e a Confederação travaram sua primeira grande batalha da guerra no norte da Virgínia. Um exército da União de mais de 30.000 homens sob o comando do general Irvin McDowell estava estacionado nos arredores de Washington. A cerca de trinta milhas de distância, em Manassas, estava um exército confederado um pouco menor sob o comando de P. G. T. Beauregard. Se o exército do Norte pudesse destruir o do Sul, acreditavam os líderes da União, a guerra poderia terminar imediatamente. Em meados de julho, McDowell marchou com suas tropas inexperientes em direção a Manassas. Beauregard moveu suas tropas para trás de Bull Run, um pequeno riacho ao norte de Manassas, e pediu reforços, que o alcançaram no dia anterior à batalha. Em 21 de julho, na Primeira Batalha de Bull Run, ou Primeira Batalha de Manassas, McDowell quase conseguiu dispersar as forças confederadas. Mas os sulistas conseguiram resistir a uma última forte União com um assalto e então começaram um contra-ataque selvagem. As tropas da União de repente entraram em pânico, romperam as fileiras e recuaram caoticamente. McDowell não conseguiu reorganizá-los e teve que ordenar uma retirada para Washington [...]. Os confederados, tão desorganizados pela vitória quanto as forças da União pela derrota, não prosseguiram. A batalha foi um duro golpe para o moral da União e para a confiança do presidente em seus oficiais. (BRINKLEY, 2010, p. 356)

Até 1862, a guerra se mostrava num impasse no leste. O ponto de virada do conflito ocorreu no oeste, foi a conquista de Nova Orleans pelos unionistas. Essa conquista foi de fundamental importância pois fechou o comércio confederado e o principal centro financeiro confederado.

[...]as forças da União tentavam tomar o controle da parte sul do rio Mississippi tanto do norte quanto do sul, descendo o rio de Kentucky e subindo do Golfo do México em direção a Nova Orleans. Em abril, um esquadrão da União comandado por David G. Farragut esmagou pontos fortes confederados perto da foz do Mississippi, e de lá navegou até Nova Orleans. A cidade estava praticamente indefesa porque o alto comando confederado esperava que o ataque viesse do norte. A rendição de Nova Orleans em 25 de abril de 1862 foi um importante ponto de virada na guerra. (BRINKLEY, 2010, p. 356)

Além de Nova Orleans, o exército comandado por Grant, conquistou o controle do rio Mississippi até o sul de Memphis. A vitória veio após vários meses de conflitos e diversas baixas. Os confederados, comandados por Bragg, foram obrigados a se retirarem para o Sul. (BRINKLEY, 2010, p. 357)

A frente da Virgínia foi palco de grandes conflitos. Nas tropas confederadas, temos dois exércitos principais, um sobre o comando de Stonewall Jackson e Robert E. Lee. As tropas federais eram comandadas por George B. McClellan, com um exército de 150 mil homens e por John Pope com uma força menor no norte da Virgínia. (BRINKLEY, 2010, p. 359)

McClellan teve a iniciativa do combate e avançou com 100 mil homens em direção a capital confederada, deixando 30 mil homens para defender Washington. Jackson e seus homens marcharam para o Norte onde derrotaram forças unionistas que reforçariam

McClellan. O exército principal confederado, comandado por Joseph E. Johnston impedia o avanço do Norte sobre a cidade de Richmond. (BRINKLEY, 2010, p. 359)

Ferido em combate, Johnston foi substituído por Lee que logo combinou suas forças com as de Jackson para combater McClellan. Prevendo o reforço de John Pope nas tropas unionistas, Lee avançou contra ele e o derrotou em Manassas, obrigando a recuar para Washington. Sozinho, McClellan se tornou comandante de todas as forças federais na Virginia. Embora tivesse diversas oportunidades para destruir o exército confederado, o comandante do Norte hesitou e desperdiçou essas chances, assim Lincoln o substituiu por Ambrose E. Burnside. Embora lançasse diversos ataques contra Lee, o novo comandante não foi exitoso em nenhum e retirou-se para o Norte. O ano de 1862 terminou com a “vitória” confederada e frustração da União. (BRINKLEY, 2010, p. 361)

Embora os confederados resistiam no leste defendendo a sua capital, os unionistas obtiveram importantes vitórias na porção ocidental americana. A estratégia de cerco foi eficaz e o unionistas conquistaram Port Hudson na Louisiana e Vicksburg, assim assumindo o controle do Rio Mississippi e isolando Louisiana, Arkansas e o Texas dos outros estados confederados:

[..]Por algum tempo Grant foi detido em Vicksburg, onde os confederados haviam-se fortificado enormemente, em encostas altas demais para que um ataque pelo fio fosse bem-sucedido. Mas, através de um movimento audacioso, posicionou seu exército abaixo e ao redor de Vicksburg, comandou um cerco de seis semanas e, em 4 de julho, capturou a cidade e o mais forte exército confederado do Oeste. Então, como observou Lincoln, o "Pai das Águas" corria livre para o mar. A Confederação foi dividida em duas, e tornou-se quase impossível transportar suprimentos dos ricos territórios do Texas e Arkansas para leste do rio. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 252)

Sem o apoio logístico marítimo, o próximo passo foi negar o acesso ferroviário ao Sul. Para isso, uma força unionista comandada por W. S. Rosecrans atingiu Chattanooga em setembro de 1863, uma região de entroncamento da linha ferroviária vital para os confederados. Apesar da resistência comandada por Bragg, os unionistas foram derrotados pelas tropas do Norte que foram reforçadas por Grant e seus homens. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 255)

Aproveitando o êxito, as forças Unionistas se colocaram em marcha para invadir a Geórgia e encurralar os rebeldes no mar:

Foi em maio de 1864 que Sherman separou-se de sua retaguarda e, no comando de um exército de cem mil veteranos, invadiu a Geórgia. [...] Em vão Hood lançou-se contra o invasor; em 19 de setembro foi forçado a evacuar Atlanta e, assim, toda a Geórgia abriu-se para Sherman. [...] Johnston, apressadamente reconduzido ao

comando por Davis, retirou-se habilmente para as Carolinas; com 40 mil homens, Hood manobrou de volta para o Tennessee onde, nas sangüinárias batalhas de Franklin e Nashville, quase foram aniquilados por Thomas, que uma vez mais provou ser um dos maiores comandantes da União. Depois de ocupar Atlanta no início de setembro e, em seguida, marchar para o mar, destruindo sistematicamente armazéns, ferrovias e outras propriedades numa frente de 96 quilômetros e, finalmente, depois de capturar Savannah, voltou-se para o norte, tomou Columbia e obrigou a rendição de Charleston. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 256)

No leste, Grant investiu pela última vez contra o enfraquecido exército do Lee, que sem recursos foi obrigado a abandonar a capital Richmond em 9 de abril 1865 e se render. Nove dias depois, na Carolina do Norte Johnston se rendeu a Sherman e o Presidente Davis foi capturado na Geórgia. Assim, teve fim ao conflito mais sangrento da história americana, com mais de 600 mil mortos e milhares de traumatizados. (BRINKLEY, 2010, p. 367)

4 EVOLUÇÃO DA DOCTRINA MILITAR DURANTE A GUERRA DE SECESSÃO

Este capítulo tem por objetivo apresentar a ciência militar vigente na Guerra de Secessão e a sua evolução com o decorrer dos conflitos, tanto dos confederados como dos unionistas.

4.1 ORGANIZAÇÃO

Apesar de suas peculiaridades, os dois beligerantes eram oriundos de uma mesma nação e compartilhavam os mesmos princípios. A formação militar dos dois lados era orientada e organizada taticamente da mesma forma. Tanto a infantaria nortista como a sulista era organizada em regimentos e estes em batalhões. Os regimentos eram a menor unidade da guerra e tinha um efetivo de 1000 homens e eram comandados por um coronel. Dois ou mais regimentos formavam uma brigada que era comandada por um general de brigada. Duas ou mais brigadas formavam uma divisão e era comandada por um major general. Uma divisão confederada continha entre 5 e 6 brigadas enquanto uma divisão federal consistia de 2 a 3 brigadas. Duas ou mais divisões formavam um corpo e dois ou mais corpos formavam um exército. (BENTO, 1978, p.85)

Um dos pontos mais importantes da evolução da Guerra Civil Americana foi a separação das armas. Para aumentar a eficiência, as baterias de artilharia deixaram de ser subordinadas a uma brigada de infantaria e passaram a compor divisões exclusivamente de artilharia, dessa forma aumentando a liberdade de ação e concentrando o poder de fogo dos obuses. Da mesma forma, a cavalaria atrelada a infantaria não explorava as suas vantagens como a mobilidade e se tornava um alvo fácil da infantaria inimiga. Assim, ao desvincular a cavalaria e reunindo-a sobre um só comandante, houve uma maximização do poder de combate, como podemos conferir ao analisarmos a cavalaria confederada comandada pelo General J.E.B Stuart. (BENTO, 1978, p. 85)

Tanto os Confederados como os Unionistas utilizaram primeiramente voluntários em seus exércitos. No entanto, com o a escassez de voluntários, o Norte instaurou o serviço militar obrigatório dos brancos de 18 a 35 anos. No Sul, houve grande euforia para o alistamento no início da guerra, no entanto com o decorrer da guerra e do desgaste Confederado, ficou cada vez mais difícil inserir homens nas fileiras do exército. (BRINKLEY, 2010, p.348)

Lincoln convocou mais de 300 mil voluntários para servirem por 3 anos no Exército federal. Inicialmente era permitido pagar uma taxa para deixar de ser convocado ou contratando alguém para ir no seu lugar. No entanto, com a obrigatoriedade de servir, muitos se viram ameaçados e iniciaram manifestações contra. Já no Sul, apesar do serviço militar obrigatório, a derrota confederada que se consolidava levou milhares a deserção pois o número de conscritos confederados atingiu cifras enormes como explica Fuller:

A princípio, os dois exércitos dependiam do alistamento voluntário, mas à proporção que a guerra se alongava, recorreu-se à Conscrição, em abril de 1862, pelos confederados, e, um ano mais tarde, pelos Federais. Durante a guerra, a União chamou às armas cerca de 45% de sua população em idade militar e a Confederação cerca de 90%. De acordo com o Coronel tomas L Livermore, o total de alistados no exército da união atingiu a cifra de 2.898.304 e no da Confederação entre 1.227.890 e 1.406.180. (FULLER, 2002, p. 102)

4.2 EQUIPAMENTOS

Referente aos uniformes, no início da guerra houve grandes dificuldades para fardar os soldados pois, devido a insuficiência da indústria, muitos soldados, principalmente confederados, utilizavam uniformes velhos, muitas vezes andavam descalços, chegando até a vestir um fardamento igual ao inimigo, como o caso em que o 27º Regimento de New York confundiu um regimento do alabama dos confederados com o 8º De Nova York. (GONÇALVES, 2015, p. 88)

O uniforme da união era azul, no entanto havia uma diferenciação entre seus homens, enquanto as forças regulares usavam calça azul escura, os voluntários usavam calça azul clara. Os confederados usavam uniforme cinza que com o tempo desbotava, devido o processo de fabricação ser mais rudimentar, e ganhava uma coloração amarronzada dando o apelido de “manteiga de nozes” para os soldados do sul. Havia variações entre tropas especiais, como os Sharpshooters da união que utilizavam um uniforme verde. (BRINKLEY, 2009, p. 351)

Referente ao armamento individual empregado, os unionistas usavam os fuzis raiados dos Springfield (nos modelos 1855 e 1861, com munição calibre 577), Enfield (de fabricação inglesa, também em calibre 577) e o Harpers Ferry modelo 1851 (em calibre 69), todos com a munição Minié, já explanada no primeiro capítulo. (GONÇALVES, 2015, pp. 83-84)

Já a tropa confederada, empregava armamento muito inferior com explica Gonçalves em sua tese:

Entre os confederados, todavia, haviam muitas tropas dotadas do mosquete de alma-lisa e acionamento por cápsula de percussão Modelo 1842 e velhos mosquetes de pederneira (modelo Brown Bess), também de alma-lisa, ambos com alcance muito limitado, com eficiência garantida a no máximo 100 jardas. A presença destas armas entre as fileiras sulistas decorria das limitações industriais dos estados separatistas, que contavam com poucos e pequenos arsenais. (GONÇALVES, 2015, p. 84)

Durante conflito, começaram a ser empregadas principalmente pela cavalaria, as carabinas de retro carga. Fabricadas por Burnside, Sharps e Spencer, este armamento permitia uma cadencia de tiro mais elevada e que fosse carregada deitado. No entanto, este armamento era muito caro e tinha um alcance menor do que os mosquetes usualmente empregados.

Devido aos avanços no armamento individual de fogo, o uso da baioneta foi caindo em desuso, como podemos ver na citação do cirurgião mor G. Hart “Cargas de baioneta são geralmente faladas nas histórias, mas os exércitos raramente relataram ferimentos a baionetas, excetos acidentais apresentadas para os cirurgiões depois da batalha. Eu penso que vi uma dúzia delas[...]”. Essa redução comprova que o armamento mais moderno modificou a forma de combate vigente, incentivando a utilização de trincheiras. (STREET, 1913, p. 265)

A introdução dos rifles Henry, mais tarde, multiplicou essa capacidade, pois já não era mais necessário unir o projétil e a pólvora a cada disparo. Com a inovação dos cartuchos, os Henry chegaram aos 25 disparos por minuto, algo realmente revolucionário. Já na artilharia, foi desenvolvido um projétil inovador pelo oficial inglês Henry Sharpnel. Além da pólvora, foram inseridos esferas metálicas e uma espoleta de tempo nas granadas explosivas. Esta tecnologia aumentou a eficácia da granada, pois permitia que o projétil estourasse em cima da tropa e atingisse um raio maior. (SAVIAN; LACERDA, 2015, p. 200)

Referentes as comunicações, o telegrafo já era empregado em todo o país antes mesmo da guerra. Dessa forma, ele foi amplamente utilizado em todos os níveis operacionais, conectando com imediatismo as forças no campo com os governos e comandantes, conforme relata Grant, Comandante do exército unionista, em seu diário:

[...] era provida com um cavalete [...] colocado atravessado na sela e erguido de forma que a bobina, com seu fio, giraria livremente. Havia uma carroça, suprida com um operador de telégrafo, baterias e instrumentos telegráficos para cada divisão, corpo e exército e uma para meu quartel-general. Havia também carroçadas carregadas com postes leves [...] usadas para suspender os fios quando esticados, de forma que as carroças e a artilharia não corresse sobre eles. As mulas assim carregadas eram designadas para brigadas [...] Operadores também eram destinados a quartéis-generais [...] e nunca trocados [...]. No momento em que as tropas eram colocadas em posição para irem para um acampamento, todos os homens ligados a este ramo do serviço

procediam a levantar seus fios. Uma mula carregada com uma bobina de fio seria levada até a retaguarda de um dos flancos da brigada a que pertencia e seria conduzida numa linha paralela a ela, enquanto um homem segurava a ponta do fio e o desenrolava conforme a mula ia à frente. Quando tivesse caminhado toda a extensão do fio, todo ele era deixada no chão. Isto era feito na retaguarda de todas as brigadas ao mesmo tempo. Os finais de todos os fios eram, então, reunidos, fazendo um fio único e contínuo na retaguarda de todo o exército. Os homens [...] começariam, todos juntos, a levantar os fios com seus postes telegráficos. [...] Enquanto isto era feito, as carroças telegráficas tomavam suas posições perto de onde seriam estabelecidos os quartéis-generais aos quais pertenciam, e seriam conectadas aos fios. Assim, uns poucos minutos mais do que o tempo que levava para uma mula caminhar a extensão do seu rolo, as comunicações telegráficas seriam efetuadas entre todos os quartéis-generais do exército. (GRANT, 1999, pp.420-421)

Além do sistema comum de telégrafo, também empregavam o corpo de sinaleiros, que se posicionavam em pontos estratégicos no terreno, de forma que conseguissem, ao mesmo tempo, observar o inimigo e relatar seus superiores sobre a movimentação inimiga. Além disso, eram empregados como contra inteligência, interceptando e interpretando os sinais inimigos. Durante a noite, se comunicavam com a cavalaria utilizando foguetes luminosos. No entanto, o corpo de sinaleiros não foram muitos empregados devido a maior parte dos combates se desenrolarem em posições com vegetações que dificultavam a visualização. (Grant, 1999, p.420)

Na engenharia, houve grande avanço na contra mobilidade. De forma a quebrar a cadeia logística confederada que dependia quase que exclusivamente do sistema ferroviário, foi inventado dispositivos que inutilizavam as linhas férreas:

O método de destruição é simples, mas muito eficiente. Dois instrumentos engenhosos foram criados para este propósito. Um deles é uma braçadeira, que abraça o trilho. Ela tem um anel na parte superior, onde é inserida uma grande alavanca, e o trilho é assim arrancado dos dormentes. [...] são, então, empilhados e incendiados, os trilhos tostam nas chamas até que se curvem sobre seu próprio peso. Quando suficientemente aquecidos, cada trilho é levantado por chaves em duas extremidades e, girando-as em direções opostas, ele é torcido de tal forma que uma máquina laminadora não possa deixá-lo reto novamente. (GLATTAHAAR, 1995, p. 11)

McClellan implantou o balão como instrumento de guerra, sendo o início do serviço aeronáutico norte americano. A ideia consistia em um balão ligado ao solo ou a uma embarcação e um telegrafo que possibilitava que a guarnição transmitisse as informações de forma rápida e precisa. Além do balão, o sistema necessitava de 4 carroças e dois geradores a gás para deixar o sistema operante. O observador era utilizado tanto para reconhecimento como para corrigir os tiros de artilharia. Para impedir a observação aérea inimiga, os confederados construía fogueiras e atiravam com peças de artilharia. (GONÇALVES, 2015, pp. 93-94)

A utilização de minas terrestres iniciou-se pelos confederados e foi usado contra a cavalaria federal. Além do resultado obvio de baixar o inimigo, as granadas de percussão causava um grande efeito psicológico na tropa e alertava os homens sobre a presença inimiga. (GONÇALVES, 2015, p.96) Os unionistas também utilizaram minas terrestres, no entanto com outro propósito. Em 1864, numa ofensiva federal foi lançado uma mina terrestre que ao ser detonada abriu uma cratera de 150 pés de comprimento, por 60 de largura e 25 de profundidade. O objetivo era romper a defesa confederada, no entanto, a explosão encurralou as tropas federais. (GONÇALVES apud HORN, 2015 p. 178)

As granadas eram empregas de forma variada, a fim de confundir o inimigo, como relata Willian F. Barry:

[...] em alguns casos, artigos de uso comum e que muito provavelmente seriam recolhidos, tais como carriolas, picaretas e pás de engenheiros, eram deixados no local com aparente descuido. Cordas ou fios escondidos iam dos detonadores de fricção da granada até os artigos superpostos, estando tão bem arranjados que a mais leve perturbação provocaria a explosão. Estas granadas não estavam assim colocados no glacis ou no fundo de uma vala, etc., que, em vista de antecipado assalto, poderiam se possivelmente considerado um uso legítimo delas, mas estavam plantadas de um modo vil [...] em estradas comuns, aos pés de postes telegráficos e, por fim, dentro das defesas do lugar – nas próprias ruas da cidade. (OFFICAL RECORDS, p.349)

No serviço de saúde, houve uma reestruturação por completo devido ao excessivo número de baixas:

Para tanto, é importante evidenciar que antes do início desse conflito fratricida, havia um grande estigma social em relação aos espaços hospitalares. Seus serviços de atendimento eram usados apenas pela população das bases da hierarquia social da época. No entanto, em 1862, com o alto número de combatentes abatidos, a caótica distribuição dos feridos em ambientes improvisados e com o entendimento que o conflito ainda se arrastaria por mais alguns anos, criou-se um modelo padrão para a construção das unidades hospitalares, em forma de pavilhão. Estas unidades de saúde eram fortemente ligadas à teoria miasmática, em que se acreditava na transmissão das doenças pelos maus ares. Assim, é possível inferir que a Guerra Civil Americana auxiliou na criação dos primeiros protocolos de regulamentação das unidades hospitalares, com objetivo de assegurar o correto atendimento dos pacientes admitidos por esses serviços. (GORBATY, 2017, pp.117-121)

A reestruturação também foi potencializada pelos avanços tecnológicos da medicina que diminuiram o número de mortes por doenças e tornaram mais eficiente o tratamento de feridos. Para prevenir a malária fizeram o uso do quinino, a febre amarela diminuiu drasticamente através da quarentena aplicada nos doentes. Para tratar a gangrena, era utilizado bromo e isolamento. Mas o principal e que trouxe mais resultados foi a criação de um sistema de

ambulância eficiente, que utilizava trens e barcos para evacuar os feridos para os centros de tratamento. (STREET, 1913, p. 265)

Se o ferido não pudesse ser colocado nos trens em um dia ou dois, eles eram enviados para o nosso hospital em ambulâncias. Isso aconteceu repetidas vezes, duzentos ou trezentos voltaram em um dia, pois tiveram muito pouco tempo para fazer muito pouco na geada, alguns de seus cirurgiões vieram com eles e permaneceram até serem atendidos. Nunca antes os feridos de um exército receberam a atenção e os cuidados como os nossos recebem. (STREET, 1913, p. 267)

4.3 INSTRUÇÃO E PREPARO

Como já foi visto, a formação dos oficiais sofreu uma modernização e era feita em West Point. Com a guerra, os oficiais se dividiram entre os dois lados, apesar da maioria ter ficado com os confederados, todos os oficiais superiores eram profissionais de carreira e possuíam experiência de combate devido a guerra mexicana-Americana. Com o avançar dos conflitos, havia poucos oficiais e para suprir a necessidade foram nomeados como oficiais cidadãos de posses ou líderes sociais que muitas vezes não desempenhavam um bom papel como oficial. (BRINKLEY, 2010, pp. 351-352)

Referente as tropas, elas eram constituída em sua maioria por voluntários que se demonstravam, tanto do sul como do norte, indisciplinados e sem nenhum profissionalismo. Podemos ver a indisciplina na fala do Coronel Willian Tecumseh Sherman, comandante da 3ª brigada Federal:

Eu li sobre retiradas antes — vi o barulho e a confusão de multidões de homens em incêndios e naufrágios, mas nada como isso foi uma desgraça tão grande quanto a palavra pode retratar [...]. Cada soldados pensa por si — se ele quer procurar água, ele não pede licença a ninguém. Se ele pensa que é certo, ele toma a aveia e o milho e, até mesmo, queima a casa de seu inimigo [...] nenhuma maldição pode ser maior do que uma invasão por um Exército Voluntário. Nem os godos ou os vândalos jamais tiveram menos respeito pelas vidas e propriedades de amigos ou inimigos e, daqui em diante, não devemos jamais esperar por quaisquer amigos na Virginia. (SIMPSON,1999, p.121)

A indisciplina e a falta moral era explicita nos saques em que os soldados federais aplicavam nas casas da população do Sul:

Assim que as fileiras foram rompidas, os homens correram para as grandes casas, saqueando as da direita e da esquerda; o que não conseguiam carregar, em muitos casos eles destruíam [...]. O que não era considerado portátil, ou válido de manter, era esmagado e destruído. [...] Este foi o primeiro gosto da guerra de Fairfax nas mãos do inimigo, e deve ter sido decididamente amargo. (FAVILL,1909, p.28)

O treinamento consistia em exercícios extenuantes de ordem unida pouco treinamento de tiro e de procedimentos do combate, principalmente por falta de recursos. A falta de treinamento pode ser observada ao analisarmos a situação encontrada após uma das batalhas de Gettysburg, onde milhares de mosquetes capturados pelos unionistas estavam carregados de 3 a 10 cartuchos. (GONÇALVES apud HESS, 2001, p. 138)

Houve uma grande mudança no exército federado com a nomeação de McClellan como comandante do exército de Potomac. O exército recebeu mais de 300 mil recrutas, afastou os oficiais acusados incompetência ou covardia e determinou a construção de grandes campos de treinamento.

No livro de História Geral da AMAN, aborda sobre as evoluções da forma de batalha, a forma rígida de combate napoleônica são substituídas:

No início da guerra, os comandantes lançavam ataques frontais contra o inimigo. Nesses ataques, os soldados avançavam ombro a ombro, em um mesmo ritmo e em linhas sucessivas, para fazer uso ao máximo do poder de fogo. As linhas da retaguarda tinham a missão de manter a impulsão do ataque. Para o sucesso da ofensiva, era essencial que as tropas estivessem impregnadas de um moral elevado, pois, em seu avanço, os soldados ficavam expostos por bastante tempo às armas inimigas de longo alcance, o que invariavelmente resultava em um grande número de baixas ao atacante. Para se protegerem do fogo inimigo, as tropas que estavam na defensiva começaram a se entrincheirar, e as que estavam na ofensiva a se aferrar ao terreno. Tentou-se também avançar por meio de lanços, ou seja, alternadamente metade dos homens avançava até determinada linha, enquanto os demais, deitados, mantinham o inimigo engajado pelo fogo. Tal manobra não teve bons resultados, pois os soldados tinham dificuldade em carregar seus fuzis antecarga, estando na posição deitada. Com o passar do tempo, os comandantes procuraram evitar os ataques frontais, passando a optar por manobras mais flexíveis, como as de desbordamento e infiltração. A artilharia era mantida a uma distância que não a deixasse exposta ao fogo dos fuzis inimigos. Isso fazia com que normalmente proporcionasse um apoio de fogo pouco eficaz à infantaria. Os cavaleiros sofriam grande número de baixas, se lançados frontalmente contra infantaria que ocupassem posições defensivas bem organizadas, pois, durante as cargas, ficavam muito vulneráveis aos fogos do inimigo. Em consequência, a cavalaria acabou empregada, primordialmente, na realização de reconhecimento e segurança. (SAVIAN; LACERDA, 2015, p.203)

Com o desenrolar do conflito, a engenharia se mostrou indispensável para o conflito. As fortificações e trincheiras se espalharam por todas as frentes de batalha. Para a construção dessas fortalezas, o Sul utilizava dos escravos para o trabalho braçal, em quanto o Sul aproveitava os escravos fugidos do sul para tal esforço:

Os soldados dos dois exércitos tornaram-se extremamente habilidosos na construção destas fortificações, porque cada homem percebia seu valor e importância para si, de forma que não eram necessárias ordens para sua construção. Tão logo um regimento ou brigada ganhava uma posição dentro de uma fácil distância para uma investida, eles se colocavam no trabalho e construíam um tal parapeito numa noite

apenas; mas eu empreendi poupar os soldados deste duro trabalho ao autorizar que cada comandante de divisão organizasse os libertos que escapavam para nós como um corpo de pioneiros de duzentos homens, que eram alimentados com os suprimentos regulares do exército e lhes prometi dez dólares por mês [...]. Estes destacamentos de pioneiros tornaram-se muito úteis durante o resto da guerra, porque podiam trabalhar a noite enquanto nossos homens dormiam; como não se esperava que lutassem, podiam dormir de dia. Nossos inimigos usavam seus escravos para propósito similar, mas usualmente os mantinham fora do alcance do fogo ao empregá-los na fortificação e reforço da posição na retaguarda, próxima a ser ocupada em seu retrocesso geral. Durante esta campanha, centenas, se não, milhares de milhas de entrancheiramentos foram construídos pelos dois exércitos e, como uma regra, qualquer lado que atacasse levava a pior. (SHERMAN, 1990, pp. 525-526)

Além da construção das fortalezas, a engenharia realizou feitos históricos ao transpor contingentes gigantescos em poucas horas, mostrando o nível de adestramento atingido pelos engenheiros federais:

Um pontão, com 2000 pés de comprimento, foi feito em dez horas, e sobre ele passaram um trem de carroças e artilharia de trinta e cinco milhas de extensão; mais de metade da infantaria do exército e 3500 cabeças de gado; junto com 4000 soldados de cavalaria; sendo tudo isso feito num espaço de quarenta e oito horas. Na vida civil [...] eles gastariam dois ou três meses para fazer os planos e reunir os materiais. Então, não menos do que um ano para construí-lo. (AGASSIZ, 1922, p.159)

Com o impasse gerado pelas trincheiras e fortalezas, surgiu um agente para desestabilizar o campo de batalha. Os confederados começaram a empregar caçadores, ou sharpshooters como eram chamados. Eles foram decisivos no campo de batalha, pois caçavam oficiais e aterrorizavam o as trincheiras. Como resposta, os unionistas aboliram o uso de divisas no uniforme, como é relatado no diário de um oficial

Oficiais servindo em campo estão autorizados a dispensar divisas de ombros e as prescritas insígnias de patente no equipamento de seus cavalos. [...] também estão autorizados a vestir sobre casados da mesma cor e formato dos soldados de seu comando. Nenhum ornamento será exigido nos sobre casacos, chapéus e bonés; nem faixas [de cintura] ou ombreiras serão exigidas (OFFICIAL RECORDS, p. 984)

Além da retirada de divisas dos uniformes, os unionistas treinaram e equiparam soldados com rifle com mira telescópica, 2 por companhia para caçar os sharpshooters confederados. (GONÇALVES, 2015, p. 181)

O comando do exército de Potomac foi assumido por Hooker. Ele criou o Escritório de Informação Militar (*Bureau of Military Information*). O escritório funcionava como um órgão de inteligência militar, reunindo informações coletadas por espiões, interrogatórios e de prisioneiros, desertores civis e escravos fugidos além das informações provenientes dos

reconhecimento a balão. O escritório também reunia topógrafos e geógrafos que desenvolviam mapas precisos do terreno. (GONÇALVES, 2015, p.121)

A cavalaria confederada, comandada por Stuart, peça fundamental de Lee, se destacou por sua eficiência nas missões. Seus homens eram empregados em missões de reconhecimento, inteligência, ataque às comunicações inimigas e de operações de segurança da tropa confederada. Já o exército Potomac, apesar de toda a reforma realizada por McClellan, possuía uma cavalaria com mais homens e melhores equipados, no entanto, ela era dispersada em pequenas frações auxiliares de brigadas e divisões de infantaria. O maior efeito da cavalaria federal era destinada a fazer a escolta pessoal de McClellan e obtinha a função de polícia militar. A missão de modernizar a cavalaria federal foi desempenhada por Hooker. Ele colocou sob o comando de Stoneman 8 brigadas de cavalaria composta por 12 mil homens. (GONÇALVES, 2015, pp.100-121)

Após a improvável derrota dos nortistas na primeira batalha, McClellan além de modernizar os equipamentos, percebeu que havia a necessidade de reestruturar a formação de seu exército. Para isso foi criado um novo centro de treinamento além de campos destinados a formação de recrutas. Além das praças, o oficialato foi modificado, expulsando os oficiais incompetentes e preguiçosos que não se mostravam aptos para liderar as frações. (GONÇALVES, 2015, p.125)

A cadeia logística era muito destoante entre os beligerantes. No norte tudo era planejada nos mínimos detalhes pelo general de intendência Sherman e distribuído pela ampla rede ferroviária. Enquanto os unionistas destruíam o restante das linhas férreas confederadas na marcha para o mar, as tropas unionistas sempre carregavam trilhos extras e todo o material para consertar as sabotagens confederadas em poucas horas dessa forma, os rebeldes não conseguiam impedir a progressão da cadeia logística federal. O nível de planejamento era alto ao ponto de antes da campanha de Atlanta, Sherman já saber quanto de alimento estaria disponível para a sua tropa consumir até a chegada no mar e quando chegasse no mar, já haveria uma embarcação com suprimentos a serem distribuídos para as tropas federais.

A superioridade logística do Norte pode também ser medida pela alimentação das tropas. Os currais de Chicago sustentaram bem os homens na linha de frente, com substanciais rações de carne salgada ou enlatada. Já os homens do Sul não puderam contar com os rebanhos do Texas, desde que Grant cortou as ligações desse estado com a frente oriental, quando passou a controlar o rio Mississippi, em 1863. Uma dieta de farinha de milho, amendoim seco e maçãs foi o que muitas vezes evitou que o soldado confederado viesse a morrer de fome;(MARTINS *in* MAGNOLI, 2006, p. 245)

O sul sofria, em todas as frentes de batalhas, com problemas veterinários dos cavalos e das mulas. A falta de ferraduras, levava os homens a retirar todas as ferraduras e pregos dos cavalos feridos para poderem reaproveitar. A falta de fardamento e calçados para os soldados era extremamente comum e no inverno ameaça à integridade física dos militares. Um comandante de bateria confederada, a fim de contornar a situação, retirou os calçados de todos os motoristas de carroças e redistribuiu para os homens que precisavam marchar a pé. Em casos extremos de falta de alimento, os soldados confederados comiam a ração que era destinada aos cavalos, que consistia somente de milho cru. (WILSON, 2002, p.9)

Alimentação dos soldados federais era composta basicamente de carne seca, enlatados e biscoitos secos. Os soldados, durante as batalhas, consumiam apenas os biscoitos secos que receberam o apelido de “hardtack”. Arroz, feijão e milho eram disponíveis em poucos momentos pois eram perecíveis e necessitava cozinhá-los para ingeri-los. A ingestão de frutas e vegetais era rara e conseqüentemente havia muitas doenças devido à má nutrição dos soldados, como o escorbuto que ocorre pela falta de vitamina C. (STREET, 1913, p. 26)

4.4 FORÇAS MORAIS

A força moral dos beligerantes era advinda da necessidade de vencer o combate para manter a sua forma de economia vigente, pois como já foi dito, a guerra seria absoluta e apenas um lado sairia vencedor. Este conflito não foi travado por soldados profissionais, mais sim por cidadãos onde todos os esforços eram destinados a guerra, caracterizando-a como a primeira guerra moderna por empregar a guerra total. (MARTINS *in* MAGNOLI, 2006, p. 242)

As vantagens apresentadas serviam de motivação para os homens. A união apresentava uma maior capacidade industrial e conseqüentemente poderia repor com facilidade equipamentos de guerra e material humano devido a sua população maior:

O Norte era muito mais populoso, mais industrializado e rico. O censo de 1860 mostrou que os vinte e três Estados da União (não se contando a Virgínia Ocidental, logo organizada em torno de condados leais da Virgínia; nem o Kansas, logo admitido na União) tinham quase 22 milhões de habitantes, enquanto os onze Estados do Sul tinham pouco mais de nove milhões sob a Stars and Bars (a bandeira dos Estados Confederados) —e a população do Sul incluía mais de 3,5 milhões de escravos. O sistema ferroviário do Norte contava com 35 mil quilômetros de linhas e o sul com apenas 15 mil. O Norte contava com a enorme vantagem de seu desenvolvimento industrial, pois somente Nova York produziu, em 1860, produtos manufaturados no valor de mais de duas vezes o de toda produção da Confederação, e a Pennsylvania, quase isso. Nos três últimos anos de conflito o Norte fabricou quase todos seus suprimentos de guerra, enquanto o Sul dependia de canhões, remédios, equipamentos cirúrgicos e, em grande parte, munição estrangeiros. O Norte manteve

o controle da marinha e, com isso, do oceano. Tinha uma economia mais adaptável e variada. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 248)

O Sul apresentava uma experiência maior em combate, arrojo devido aos seus militares serem oriundos dos campos e por possuírem oficiais formados em West point, assim empregando uma tática mais apurada que o Norte.

O Sul tinha a seu favor o espírito marcial de seu povo, a captura fácil de numerosos fortes e arsenais, eficiência e organização superiores de sua agricultura, o fato de que lutava defensiva, a capacidade de seus exércitos de operar em linhas internas. Tinha a seu favor, acima de tudo, o fato de que para ser bem-sucedido não tinha de vencer a guerra no aspecto militar — não tinha que invadir e conquistar o Norte, somente precisava lutar vigorosamente e pelo tempo suficiente para persuadir o Norte de que não poderia ser conquistado. Podia fazer face a derrotas em batalhas e até mesmo campanhas; podia fazer frente a derrotas e mais derrotas. A Confederação venceria se pudesse convencer a opinião pública nortista de que a vitória da União seria muito cara e que, afinal, era melhor que os irmãos inimigos se separassem. Muitos acreditavam que o Sul também possuía a grande vantagem de controlar o principal fornecimento de algodão do mundo — assim a Inglaterra, que precisava do algodão para manter ocupadas suas tecelagens, interviria na guerra ao lado do Sul. (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 249)

Com o avançar da guerra, o aumento significativo na violência empregada, e a frustração gerada, despertou um espírito de vingança dos unionistas contra a população do sul. No início, a violência se limitava aos combatentes do exército sulista, mas devido a essa frustração, ela estendeu-se a população do sul e aos fundamentos morais e econômicos do governo e do exército. Grant era o expoente máximo do barbarismo. Após conquistar Atlanta, expulsou toda população. Além disso, durante a sua marcha através da Virgínia levou a guerra tanto a população do sul como às suas forças armadas. (FULLER, 2002, pp. 106-109)

5 CONCLUSÃO

A evolução da doutrina não ocorre de maneira repentina, mas sim através de um processo lento alimentado por diversos combates, repleto de acertos e erros que culminam em um novo modelo. Com a doutrina vigente na Guerra de Secessão Americana não foi diferente, tendo a sua gênese na Revolução Francesa. O marco da idade contemporânea não mudou somente a sociedade ocidental, mas transformou a forma de combate, inserindo o patriotismo como força moral e mobilizando enormes contingentes através do serviço militar obrigatório. As batalhas napoleônicas foram pioneiras por começarem a deixar a formalidade e rigidez dando espaço para a manobra e cooperação das armas, onde o ataque era iniciado por fogos de preparação da artilharia, seguida pela carga da cavalaria aos pontos mais sensíveis e finalizando pela consolidação da infantaria no objetivo.

A compreensão da Revolução Industrial é de suma importância para esse trabalho, pois dela surgiu os meios que possibilitaram e impuseram a evolução da doutrina. A Inglaterra, berço da Revolução, apresentava as características necessárias para o surgimento da Indústria, assim no início do século XIX, surge a primeira indústria que precedeu a revolução das máquinas. As fábricas não tardaram em produzir em larga escala armas, alimentos, fardamentos e todo material bélico que o combate exigisse. Além da mudança nas relações comerciais e trabalhistas, a indústria inspirou o surgimento de ideologias que teorizam as interações humanas, como o socialismo.

A Guerra da Criméia foi o conflito que exprime a última doutrina empregada antes da Guerra Civil Americana. Os combates ocorreram pelo controle dos estreitos de Bósforo e Dardanelos, localizado no sul da Europa oriental. Podemos observar que, no início do conflito, a mentalidade e a forma de combate era idêntica a das guerras napoleônicas e que lentamente e de forma experimental, foram empregadas táticas e técnicas a fim de ajustar com o surgimento das tecnologias. Como exemplo temos o surgimento das trincheiras que, em resposta ao maior alcance do fuzil devido a munição do tipo Minié, ofereciam uma maior proteção para a infantaria. Também temos a utilização de telégrafos que apesar, de muito limitado, permitia que os comandantes de frações se comunicassem com seus homens no terreno. As ferrovias começaram a ser construídas para o transporte de tropas e suprimentos, os navios a vapor

aumentaram a eficiência do sistema de logística, permitindo que os alimentos chegassem em condições para

Deste conflito, podemos concluir que o processo de evolução, iniciado na revolução francesa, recebe mais algumas características, provenientes da adaptação das técnicas para o emprego das tecnologias fornecidas pela expansão da indústria. No entanto, apesar de já dispor de alguns meios, a guerra da Crimeia não pode ser considerada como o marco das guerras modernas mas sim uma transição doutrinária, pois foi mais uma guerra “napoleônica” do que uma guerra moderna, onde o uso das tecnologias foi muito insipiente e tardio.

O prolongamento latitudinal dos EUA e sua grande área, concede uma amplitude climática extensa e vários tipos de vegetação e terreno. Dessa forma, cada parte do território norte americano se especializou em algum tipo de atividade econômica, como o sul que aproveitando seu clima mais quente, tinha e tem até os dias de hoje a agricultura como principal fonte de renda e empregava como mão de obra o escravo negro. O norte, por ser uma região mais temperada, tinha como atividade econômica a pesca, produção de peles e mais posteriormente a industrialização. Com isso, concluímos que a polarização, que levou a secessão americana, já era construída desde do início da colonização.

A unificação das 13 colônias e a posterior independência foi resultado das insatisfação dos colonos com as imposições inglesas. O surgimento da nova nação foi através da redação da declaração de independência em 4 de julho de 1776 e foi assegurada através da organização de milícias armadas que eram empregadas nas sabotagens ao exército. Assim, surge o exército patriótico que futuramente se tornaria o exército Norte Americano. George Washington foi nomeado o primeiro comandante das forças rebeldes. Apesar de todas as dificuldades impostas pela guerra, da violência extrema e do favoritismo dos ingleses, os colonos, utilizando o conhecimento do terreno venceram os ingleses em Yorktown.

Na guerra de independência, podemos observar a gênese do exército americano e a suas principais características, o pendor para o combate aliada a experiência. Desde a sua formação, até os dias de hoje, os EUA estão envolvidos em conflitos armados, dessa forma evoluindo a sua doutrina e testando seus armamentos constantemente.

O exército recém formado da nova nação, apresentava diversos problemas estruturais e técnicos. Para sanar o problema, foi remodelado o currículo acadêmico de West Point, conforme a doutrina militar francesa. A modernização foi testada e se mostrou eficiente na guerra Mexicana-Americana, onde os EUA logrou êxito e adquiriu vastos territórios. A estratégia

americana consistia em a engenharia encontrar ou construir uma brecha na linha inimiga, a artilharia realizar fogos de preparação e em seguida a infantaria e a cavalaria avançarem contra o inimigo. Nesta fase, podemos observar a inserção da engenharia como peça decisória no campo de batalha.

Dando continuidade à evolução, a Comissão Delafield, composta por oficiais de West Point, foi enviada como observadora na Guerra da Criméia. O relatório da missão foi usado como base para atualizar o exército em relação aos novos meios de combate e seus potenciais para a guerra, como a mina terrestre e o telegrafo além de analisar a logística envolvida e o trabalho dos engenheiros nas construções de fortificações. Com acesso a essas informações, o exército americano teve 5 anos para estudar e empregar as novas táticas aprendidas antes do conflito fratricida que assolou o país.

A polarização existente entre o sul e norte dos EUA, fundamentada principalmente pela diferentes e antagonistas atividades econômicas, chegou no ápice com a questão escravocrata nos novos estados americanos. Com a vitória das eleições presidenciais de Abraham Lincoln, candidato abolicionista, iniciou-se a secessão do país em Unionistas e Confederados. A guerra como Fuller disse, tinha caráter absoluto, terminando com a submissão do Norte pelo Sul ou do Sul pelo Norte.

Em relação a organização dos exércitos, podemos concluir que eram parecidos pois ambos empregaram a priori voluntários e passaram, com o decorrer da guerra a utilizar o serviço militar obrigatório para preencher as fileiras de seus exércitos. O que destoava dos conflitos anteriores seria na segregação empregada entre as armas, de forma que a cavalaria e artilharia deixavam de se subordinar a uma brigada de infantaria e se organizassem separadamente, formando divisões de cavalaria e divisões de artilharia a fim de aproveitar o máximo das peculiaridades das armas.

Na primeira parte da guerra, podemos observar as vantagens que a tropa defensora obtém sobre a tropa atacante. Os confederados, mesmo com um efetivo muito menor e equipados com armamentos de inferiores, de alma lisa enquanto os federais utilizavam armamento raiado com munição do tipo Minié, venceram as batalhas expulsando de seus territórios o gigante agressor.

Os fatores morais foram fundamentais na vitória confederada nesta primeira parte da guerra. O sul detinha um número maior de oficiais experientes e oriundos da academia militar de West Point, além de possuírem, devido ao trabalho braçal do campo, pendor e um ardor pelo

combate. Além das forças morais, os confederados lutavam em seu próprio território, assim podendo empregar-lo da forma que lhes fosse mais conveniente.

A evolução dos armamentos foi algo marcante neste conflito. A invenção da carabina de retrocarga, o fuzil Henry que aumentava a velocidade de recarga por já unir previamente a pólvora e o projétil e as granadas Sharpnel com espoletas de tempo, aumentaram o número de baixas. Para contornar a situação, a engenharia foi amplamente empregada na construção de trincheiras e fortificações, assim, o conflito foi se tornando estático, gerando grandes impasses, onde os dois exércitos entrincheirados passavam semanas na mesma posição. Além das fortificações, a engenharia evoluiu muito em proporcionar a mobilidade tanto para a tropa quanto para logística, construindo pontões com centenas de metros em poucas horas.

O conflito estático exige uma demanda maior da logística, tornando-o um fator fundamental no campo de batalha. No serviço de intendência unionista, General Sherman planejava toda a logística federal nos mínimos detalhes utilizando a ampla e indestrutível linha férrea do Norte. As indústrias do Norte produziam todos os bens necessários ao conflito, armamento, alimentação e fardamento. Já no Sul, a situação era muito mais precária. Sem uma industrialização expressiva, os soldados confederados careciam de todas as classes de suprimentos e conseqüentemente viviam doentes pela má nutrição da tropa. A vitória federal está amplamente associada a essa superioridade na gestão dos meios de combate e de suprimentos, levando-nos a concluir que na guerra de secessão, a logística se tornou tão importante como uma tropa bem adestrada e táticas de combate eficientes.

A inteligência militar também foi empregada neste conflito. Foram empregados espiões, realizado interrogatórios com prisioneiros de guerra e desertores além do uso de balões para reconhecimento. O balonismo, empregado prioritariamente pelos unionistas, apresentou muitos defeitos, no entanto marcou o início da utilização do espaço aéreo para o combate.

Por fim, podemos concluir através dos pontos citados acima, que a Guerra de Secessão foi de fato o marco de transição das guerras campais napoleônicas para a guerra moderna, marcada por longas e extenuantes batalhas onde o campo de batalha se tornou muito mais complexo e violento devido aos meios de combate fornecidos a partir do surgimento e expansão da indústria no mundo.

6 REFERÊNCIAS

- AGASSIZ, George R. **Meade's Headquarters, 1863-1865: letters of Colonel Theodore Lyman from the Wilderness to Appomatox**. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1922.
- BARTHORP, Michael. **Heroes of the Crimea: The Battles of Balaclava and Inkerman**. London: Blandford, 1911
- BENTO, Cláudio Moreira. **Como estudar e pesquisar a história do Exército Brasileiro**. Brasília: EGGCF. 1999.
- BRASIL, Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB20-MF-10.102: O Manual de Fundamentos Doutrina Militar Terrestre**. Brasília, DF. 2019
- BRINKLEY, Alan. **The Unfinished Nation: A concise History of the American People**. 6ª edição. Nova York: McGraw-Hill, 2010
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- EDGERTON, Robert B. **Death or Glory: The Legacy of the Crimean War**. Boulder: Western Press, 1999
- FAVILL, Josiah M. **The Diary of Young Army Officer**. Chicago: R. R. Donnelley & Sons Company, 1909.
- FULLER, John Frederick Charles. **A Conduta da Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.
- GLATTAHAAR, Joseph T. **The March to the Sea and Beyond: Sherman's troops in the Savannah and Carolinas Campaigns**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1995
- GOLÇANVES, Leandro José Clemente. **A Revolução em Assuntos Militares no Contexto da Guerra de Secessão Americana (1861-1865)**. 2015. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2015.
- GORBATY B. **The Lauramann Howe Russell Papers: A Window into Critical Care Medicine during the American Civil War**. Journal of Anesthesia History. 2017
- GRANT, Ulysses Simpson. **Personal Memoirs**. New York: The Modern Library, 1999.
- HART, Basil; H. Liddell. **Armed Forces and the Art of War: Armies**. In: BURY, J. P. T. The New Cambridge Modern History. Vol. X. London. Cambridge University Press, 1964
- HOBBSAWN, Eric. **A Era das Revoluções**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000,
- HOLMES, Richard; PIMLOTT, John. **Atlas Hutchinson de Planos de Batalhas: Antes e Depois**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2007
- KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007

- LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**. Resende: AMAN, 2015
- LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil** / Petrópolis, RJ: Vozes, 1995
- MONDANI, Marco. “Guerras Napoleônicas”. In MAGNOLI, Demétrio(org.). **História das guerras**. São Paulo; contexto, 2006
- NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. **Breve História dos Estados Unidos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1986
- RICHET, Denis, “**A campanha da Itália**”, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- SANTOS, Francisco Ruas. **Arte da Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca, 1998
- SHERMAN, William Tecumseh. **Memoirs of General W. T. Sherman**. New York: The Library of America, 1990.
- SIMPSON, Brooks D. BERLIN, Jean V. Sherman’s **Civil War: selected correspondence of William T. Sherman, 1860-1865**. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press, 1999.
- STREET, Ferdinand. **The Military Historical Society of Massachusetts**. Boston: University of Chicago Libraries, 1913
- WOODS, Nicholas Augustus. **The Past Campaign**. 2 vols, London: Longman, 1855
- WILSON, Harold S. **Confederate Industry: Manufactures and Quartermasters in The Civil War. Mississippi**: University Press of Mississippi, 2002